

pelo amor ou pela dor

Romance espírita



Rodinei Carlos de Moura

PELO AMOR OU PELA DOR

Romance espírita

Rodinei Carlos de Moura

2014

PELO AMOR OU PELA DOR

Romance espírita

Rodinei Carlos de Moura

Data da publicação: 27 de novembro de 2014

CAPA: Cláudia Rezende Barbeiro

REVISÃO: Eunice de Oliveira Cazetta

PUBLICAÇÃO: EVOC – Editora Virtual O Consolador

Rua Senador Souza Naves, 2245

CEP 86015-430

Fone: (43) 3343-2000

www.oconsolador.com

Londrina – Estado do Paraná

Dados internacionais de catalogação na publicação
Bibliotecária responsável Maria Luiza Perez - CRB9/703

M889p

Moura, Rodinei Carlos de
Pelo amor ou pela dor: romance espírita /
Rodinei Carlos de Moura ; revisão de Eunice de
Oliveira Cazetta ; capa Cláudia Rezende Barbeiro.
- Londrina, PR: EVOC, 2014.
137 p.

Literatura espírita - Romances. 2. Espiritismo. 3.
Doutrina espírita. 3. Reencarnação - Planejamento
I. Cazetta, Eunice de Oliveira. II. Barbeiro, Cláudia
Rezende III. Título.

CDD 133.93

19.ed.

Índice

- Introdução, 4
- I. Planejamento reencarnatório, 5
- II. Pelo amor ou pela dor, 14
- III. Orai e vigiai, 25
- IV. Mas a vida continua..., 38
- V. Fora da caridade não há salvação, 47
- VI. O homem que queria ser alguém, 58
- VII. Preciosa lição, 74
- VIII. Os salvadores de almas, 79
- IX. Conflitos da alma, 88
- X. O selo de Salomão, 102
- XI. O salário do trabalhador honesto, 114
- XII. A lição que fica, 134

Introdução

Um grupo de amigos recém-formados em Direito. Uma viagem de avião para a merecida comemoração. Uma tragédia. Sobreviventes? Um bebê.

Nessa desencarnação coletiva poderemos observar através de uma história interessante, e com o auxílio dos postulados espíritas, a lei de causa e efeito, na qual nada escapa às suas diretrizes, em que aparentes injustiças são explicadas, confortando-nos e nos mostrando que jamais estamos desamparados.

Este grupo de amigos-irmãos espirituais voltará à crosta terrestre, reencarnando em lugares distintos, com a finalidade de aprender o valor de uma família, de um amigo. Tudo isso com o auxílio imprescindível da dor, instrumento pedagógico oferecido pela vida àqueles que não souberam trilhar o caminho da evolução através da prudência.

A separação entre Espíritos que se amam é momentânea, via de regra. Dependerá do sucesso da missão empreendida por cada um deles o reencontro.

Ibitinga, SP - Primavera de 2014

Rodinei Carlos de Moura

Capítulo I

Planejamento reencarnatório

Ainda no aeroporto era grande a alegria dos amigos que se formaram em Direito e que agora partiam rumo a Natal, onde pretendiam aproveitar, juntos, as férias de dezembro. Era uma viagem de formatura, onde os formandos iam descansar para começarem no ano seguinte uma nova fase de suas vidas.

Um grupo em especial chamava muito a atenção pela alegria que demonstrava, pelo entusiasmo com o qual se referiam à profissão que escolheram e que pretendiam seguir pela vida toda. Eram sonhadores e pensavam mesmo em mudar o mundo.

Maria Rita era a mais ponderada. Sabia que a caminhada era difícil, mas sabia também que todos podem fazer a sua pequena parte para a transformação do nosso mundo. José Luiz e Mateus, no entanto, eram mais entusiasmados. Eram apaixonados pela oratória e queriam sempre convencer o mundo de seus pontos de vistas. Queriam contagiar o mundo com sua alegria e vontade de serem úteis.

Karina parecia ter cursado direito por ser esta uma profissão com um bom campo de trabalho. Não se notava nela o entusiasmo que os outros aparentavam ter. Sempre preferiu Literatura, queria

fazer Letras, mas seus pais pressionaram-na para que se tornasse advogada.

Marcela e Marco tinham um olhar de quem ainda busca respostas. Eles queriam saber mais, ir além. Eram questionadores e ao mesmo tempo introspectivos. Eram leitores insaciáveis.

Luiz Fernando, um sonhador. Queria ser grande, queria reconhecimento. Era fascinado por heróis, por filmes deste gênero, onde grandes homens faziam grandes coisas.

E Carlos Henrique era, ao mesmo tempo, razão e sentimento. Sabia, racionalmente, como deveria ser, embora muitas vezes agisse movido pelo ímpeto. Era necessário trabalhar isto para que se tornasse uma pessoa equilibrada, sensata. Para que não agisse mais sem pensar. Era, apesar disso, uma pessoa muito sensível.

Restava ainda Adriano para completar o grupo inseparável de amigos, que se conheceram, segundo o ponto de vista da vida presente, na faculdade. E sentiram uma afinidade tão grande uns pelos outros, que sempre diziam que eram amigos de outras vidas, muito embora, nenhum deles houvesse cogitado esta possibilidade com seriedade. E falavam, desta forma, uma verdade muito maior do que supunham.

Adriano era o mais pessimista do grupo. Estava sempre reclamando da vida, da namorada, dos pais. Não conseguia enxergar a oportunidade maravilhosa que tinha. Saúde perfeita, oportunidade de estudo,

facilidade para arrumar moças de bem, com conteúdo. Mas nada disso sabia ele valorizar.

Enquanto os jovens esperavam o momento do embarque, a conversa seguia animada. Mateus e José Luiz travavam uma batalha verbal sobre o código penal brasileiro:

– *Precisamos de mais leis, de leis atuais, meu amigo. Num mundo sem bom senso as regras têm que ser rígidas, para que o Estado funcione para o povo*, dizia Mateus, empolgado.

– *O Brasil é um dos países que mais possuem leis, meu caro "Dom Quixote" – dizia José Luiz, em tom de provocação. – Precisamos é de um povo que cobre os seus direitos. Que não seja esperto apenas no individual, mas que entenda que se deve dar prioridade ao coletivo. Não acha, Maria Rita?*

– *Acredito mais em educação, amigos. Acredito no trabalho de formiguinha que não dispensa o auxílio do tempo. Muito embora os dois tenham sua razão. Precisamos de leis que funcionem e que sejam para o povo. Assim como precisamos de um povo consciente que saiba exigir seus direitos, sem conflitos sangrentos. Mas o fruto nunca poderá chegar antes da flor. Nunca poderemos colher aquilo que não plantamos.*

Adriano adentra a conversa com o seu pessimismo característico:

– *Vocês são mesmo muito engraçados. Com certeza vão colocar suas botinhas na janela para que o Papai Noel deixe o presentinho.* Os outros riram,

por já conhecerem o estilo do rapaz. Enquanto que Karina brincou:

– *Eu vou, com certeza. Quero pedir ao Papai Noel um grande amor.*

A conversa foi, no entanto, interrompida pelo anúncio do alto-falante. Chegou enfim a hora da grande e surpreendente viagem.

Depois de adentrarem a aeronave e apertarem o cinto de segurança, enfim, depois que o avião decolou, nossos amigos, embora muito perto uns dos outros, não conversaram mais tão animadamente. Alguns colocaram o fone de ouvidos, outros, porém, preferiram dormir. Maria Rita começou a ler, assim como Marcela e Marco.

Depois de algum tempo de viagem, o susto. O piloto anunciava que a aeronave estava com problema e que faria um pouso forçado. Um pouso malsucedido onde só houve um sobrevivente, um bebê, como se a vida estivesse querendo mostrar que é sempre preciso continuar.

Ao mesmo tempo em que o resgate dos corpos carbonizados ocorria, num outro plano ocorria também o resgate dos Espíritos ali envolvidos. Inúmeros trabalhadores espirituais trabalhavam para ajudar os irmãos que passavam ali por um resgate coletivo.

No plano material, as famílias das vítimas de tristeza. Do outro lado, os parentes e amigos espirituais movimentavam-se para resgatar os entes queridos de acordo com o merecimento de cada um. Uns meio que conscientes do que acontecia, embora

confusos, por não acreditarem na vida espiritual. Outros, completamente adormecidos, como crianças, que ainda não podem entender as realidades do mundo dos adultos.

Todos, no entanto, assistidos de acordo com o merecimento próprio. "A cada um segundo suas obras", disse Jesus.

Depois de alguns meses, intervalo este necessário ao ajustamento de cada um deles à sua nova condição, o grupo de amigos que citamos no começo encontrou-se novamente, mas, desta vez, no plano espiritual.

Reunidos por um mentor espiritual, Miguel, estes irmãos sabiam agora que o desastre de avião fazia parte de um planejamento anterior, visando a um resgate consciencial deles próprios.

O mesmo Miguel informou-lhes que era esta uma expiação para todo o grupo, que infringiu junto, num passado longínquo, a lei de amor que rege o universo.

Informou-lhes também que eles se conheciam de muitas e muitas existências. Que estavam unidos por amor e também por atitudes menos nobres. Que já erraram e acertaram juntos muitas vezes. E que formavam na verdade uma família espiritual, tão intensos eram os laços que os uniam.

Entendiam agora por que sentiram uma atração tão grande na faculdade uns pelos outros. Entendiam por que aquela sensação de se conhecerem de tão remotos tempos.

Todos ouviam Miguel com muita atenção, o qual, por sua vez, falava com muita inflexão de carinho. Com tanto carinho que parecia ele também fazer parte daquela família ali reunida.

O nobre instrutor explicava que ali naquela colônia espiritual eles se preparariam para uma nova reencarnação, onde o objetivo desta vez seria o aperfeiçoamento próprio, a melhora moral tão necessária ao crescimento e, por consequência, à felicidade do ser.

Maria Rita perguntou, surpresa:

– Como vamos aprender aqui? Neste lugar também há escolas, como na Terra?

Ao que o mentor respondeu, sereno:

– Na verdade, podemos dizer que na Terra existem escolas como aqui. Uma cópia imperfeita das nossas, pois que o mundo espiritual precede o material.

Mas você perceberá, Maria Rita, que aqui temos muitas coisas que nunca cogitou. Temos escolas onde vocês vão estudar uma doutrina nova, que muito tem a contribuir para a humanidade. A nova revelação prometida pelo Cristo, o Espiritismo. Uma doutrina que não impõe nada, e que por isso respeita nossas crenças e valores. Que não cria seita, que não exclui. Apenas recomenda que pensemos nas consequências antes de agir, porque, quem plantar, invariavelmente, colherá, na atual ou em outras existências. Que nos ensina que a vida devolve com amor a quem por amor se submete aos

desígnios divinos, fazendo ao semelhante o que deseja que os outros façam a ele.

Encarnariam todos em lugares separados, exceção feita a Karina e Mateus, para que pudessem pela ausência dos que mais amavam, daqueles que lhes partilhavam os ideais, aprender a valorizar ainda mais uma família.

Cabia a cada um agora analisar, meditar na oportunidade nova que lhes era dada, para que, com o sucesso de cada um, pudessem se reunir mais uma vez, ali, para continuarem juntos a escalada rumo ao infinito.

E, por alguns meses, de fato estudaram e se divertiram juntos, naquele lugar tão confortador. Aprenderam muito sobre esta doutrina nova para poderem na Terra colocar o aprendizado em prática.

Agradeciam a Deus todos os dias por aquela dádiva de estarem juntos, de poderem confortar uns aos outros. Por poderem estimular uns aos outros.

Mas era chegado o momento da separação momentânea.

Partiriam no dia seguinte, depois de ouvirem a última palestra que tinha como intuito esclarecer sobre os perigos e ilusões do mundo material, assim como motivá-los para que soubessem aproveitar este momento maravilhoso, esta oportunidade que não deveriam desperdiçar.

Era já começo de noite quando saíram juntos do alojamento em que ficaram na colônia, rumo ao auditório em que o Professor João Pedro faria a palestra que findava aquela preparação.

No meio do caminho encontraram Miguel, que veio ao encontro deles e dizia, percebendo o medo de alguns:

– Coragem, amigos. Estaremos todos reunidos pelos laços do amor. Não abandonaremos vocês nesta jornada. Ninguém está só. Esta família é muito maior do que podem entender agora. Coragem!

Entraram no auditório, calaram-se repentinamente. Estavam ansiosos não só pelos ensinamentos que ali colheriam, mas principalmente por saberem que chegara o momento de outra viagem.

Finda a palestra, todos estavam emocionados. As palavras do orador penetraram a alma dos amigos ali presentes.

No dia seguinte iriam todos partir para suas novas jornadas e por isso era preciso se despedirem ali mesmo uns dos outros, o que aumentava ainda mais a emoção daquele grupo de amigos.

Com exceção de Mateus e Karina, que seguiriam juntos, cada um iria buscar novas experiências em lugares diferentes. A saudade parecia já estar presente entre eles. Aqueles amigos que por tantas e tantas encarnações vieram juntos, errando e se ajudando, com certeza formavam uma família espiritual ligada não pelos laços tênues da matéria, mas pelos laços indestrutíveis que são os laços espirituais.

Abraçaram-se e choraram. Prometeram triunfar, pois que disso dependia poderem se reunir o mais rápido possível na vida espiritual para prosseguirem juntos na busca do progresso, e se ajudarem na

senda da evolução, já que sabiam, agora, que tudo que encontramos depois da suposta morte é a vida.

Capítulo II

Pelo amor ou pela dor

Ensina-nos o Espiritismo que temos dois caminhos para evoluir, a saber: pelo amor ou pela dor.

Mas a evolução se dará, de um jeito ou de outro, já que faz parte das leis divinas, que são irrevogáveis.

A narrativa que segue traz uma lição deixada por alguém de comportamento extremamente rebelde que, menosprezando as oportunidades valiosas que a todos nós são concedidas, quase enveredou pelo caminho da porta larga.

Adriano era uma pessoa que achava que os seus problemas eram os maiores do mundo, que a sua vida era a pior de todas.

Que não havia em parte alguma mãe tão desleixada como a dele. Nem pai tão indiferente. Nada estava bom para este rapaz.

Conheceu a doutrina espírita que lhe trouxe um pouco de esclarecimento sobre os acontecimentos da vida, mas sempre inventava teorias para justificar seu comportamento rebelde diante de sua própria consciência. Nosso amigo sempre dava um jeitinho de projetar a culpa de seus problemas no semelhante.

Certa vez ganhou um livro, não por acaso, mas por influência de seus Espíritos protetores, cujo

título era "Fundamentos da Reforma Íntima", do autor espiritual Cairbar Schutel.

Neste livro há um capítulo que explica o conceito de "teorias secundárias", onde, segundo este elevado Espírito, administrador da colônia espiritual Alvorada Nova, inventamos desculpas com o manto da verdade aparente, mas que não tem fundamento cristão para justificar nossos erros perante nossa própria consciência.

Desta forma, o avaro seria apenas providente, o preguiçoso seria desapegado; o orgulhoso, revidando uma ofensa, estaria apenas defendendo sua honra, e assim por diante.

Adriano leu este livro e gostou muito. Disse, ao amigo que lho ofertou, que conhecia algumas pessoas que precisavam muito destas lições, se esquecendo de que o evangelho é para todos nós que estamos aqui para nos melhorarmos interiormente, sendo flexíveis com nossos semelhantes e exigindo mais de nós mesmos.

E desta forma as provas de Adriano se multiplicavam. Segundo a lei de ação e reação, colhemos o que plantamos, e, por isso mesmo, se ele não estava fazendo a coisa certa, seria natural que a vida lhe devolvesse provas difíceis para que pudesse enxergar que estava no caminho equivocado.

Sua maior frustração era ter nascido pobre, com uma mãe de pouco equilíbrio emocional. Um pai sonhador, mas que nunca conseguiu chegar a lugar algum. Não se entendia com sua mãe, vivia distante

dela que, por sua vez, também não entendia esta rejeição. Ele achava ainda que sempre o deixavam de lado, que ninguém gostava dele, embora, diante de seu ponto de vista, fosse uma pessoa muito agradável.

Além do que, trabalhava desde os quinze anos para suprir suas necessidades materiais. Trabalhava muito e ganhava mal. Estava sempre apertado, financeiramente falando, por mais que trabalhasse. Tinha ainda que ajudar seus pais.

Resolveu então procurar orientação no Centro Espírita que frequentava. Foi conversar com o coordenador da casa, uma pessoa serena, que sempre atendia a todos com muito carinho, com muito amor. Era o senhor Francisco.

Adriano colocou sua situação, falando por quase meia hora. Na verdade parecia que ele só queria desabafar. Ao final, perguntou ao senhor Francisco se não tinha razão, querendo na realidade que o paciente ouvisse concordasse com ele.

Mas, em sua experiência de homem maduro que soube valorizar as experiências do tempo, o atendente pediu em pensamento, à espiritualidade superior, que ele pudesse ser um instrumento para ajudar aquele jovem em desespero, começando a falar assim:

– Que o Deus de infinita bondade permita, querido amigo, que eu possa ser útil a você, como está sendo útil a mim neste momento. Reavivando minhas próprias experiências do passado, de minha juventude, lembro que também tive minhas dúvidas,

também achei que a minha dor era a maior do mundo. Mas esta doutrina lógica e consoladora vem nos dizer que estamos no melhor lugar, na melhor família em que a providência divina pôde nos colocar. Eu, como você, não entendi isso tão logo. Saí de casa aos dezoito anos para morar com amigos. Minha família parecia insuportável.

Alugamos uma casa e lá morávamos em quatro pessoas. Já nos conhecíamos superficialmente. Meus companheiros eram: Fábio, Júlio, e Márcio. Todos universitários. Tinham uma condição de vida mais favorecida que eu, materialmente falando. Logo vieram as diferenças. Eles adoravam se entregar às drogas e fumavam dentro da casa. Festas com som alto ocorriam todo dia. E eu, que trabalhava muito, não conseguia descansar.

Estava ainda mais difícil do que na casa de meus pais. Aliás, eles e minhas duas irmãs se mudaram para uma cidade a trezentos quilômetros de onde nasci e residi até então. Não obstante o convite, eu não quis acompanhá-los.

Meu orgulho não permitia. Achava que mostraria ser fraco se voltasse. Certo dia a polícia apareceu na nossa "república" e, revistando, encontrou muita droga. Fomos todos parar na delegacia. Não consegui provar que eu não tinha nada com isso, e meus colegas de casa não me inocentaram. Você pode imaginar o problema que arrumei.

Mas perdi o emprego por causa do suposto envolvimento com drogas e assim ficou mais difícil. Resolvi, então, mudar.

Vi o anúncio de um quarto no jornal, numa cidade vizinha. Liguei para conferir e quem me atendeu foi uma senhora que parecia muito simpática. Era a dona Vilma.

Achei que não tinha nada a perder, juntei o pouco dinheiro que tinha, coloquei a mochila nas costas e para minha nova prova me dirigi. No entanto, fui percebendo em pouco tempo que dona Vilma não era nada discreta. Queria saber tudo sobre minha vida, palpitava, sendo desta forma muito deselegante. Começou a ser agressiva, dizendo que eu tinha que arrumar emprego logo. Que não queria homem na casa dela o dia todo.

Ela era uma pessoa muito irritada. Tinha dois filhos e os pressionava muito. Discutiam em demasia, e às vezes eu achava que eles iam chegar ao ponto de partirem para a agressão física. Quando descobriu que eu era espírita, começou a me perseguir ainda mais. Parece que ela possuía aversão pelo Espiritismo.

Certa vez eu disse a ela que iria embora, não podia mais ficar lá sendo ofendido. Dona Vilma ficou muito irritada. Disse que não havia acabado o mês e que não tinha dinheiro para me devolver. Na realidade, sua irritação se devia ao fato de ela precisar muito do dinheiro da pensão.

Mas eu precisava deste dinheiro para ir embora, já que não tinha conseguido trabalho algum.

Enquanto eu saí para comprar pão, ela ligou para os dois filhos e contou tudo à sua maneira. Na hora do almoço eles lá estavam, com jeito de quem

queria brigar. Dona Vilma perguntou na frente deles se eu iria embora logo. Na minha impulsividade de garoto respondi que tão logo ela me devolvesse o dinheiro. Ficou irritadíssima. Era uma pessoa muito orgulhosa e não admitia que mexessem com seu ego.

Seus filhos estavam como que esperando um sinal da mãe para começarem a briga que só Deus sabia como iria terminar. Talvez com a morte de um de nós, porque na hora do medo pensamos em fazer coisas que normalmente abominamos.

Eu sentia medo. Sentia também muita raiva. Eu também era orgulhoso. E nesta condição, eu me considerava humilhado por eles. Pensava que não sairia dali assim. Se eles tentassem me expulsar, eu pegaria uma cadeira de madeira e partiria para a agressão rápida, antes que pudessem revidar. Na minha cabeça eu arquitetava tudo. Via as cenas da briga, como eu faria para sair ileso. Pensava que os mandaria para o Além.

Mas, ao mesmo tempo, pensava no que já tinha aprendido com a doutrina espírita, com os ensinamentos de Jesus que nos orientavam a perdoar, a amar os inimigos... Mas era difícil.

Dona Vilma saiu de sua casa e entrou na casa de um vizinho. Eu, por minha vez, saí para caminhar em volta de um lago, perto dali. Precisava serenar a mente, refletir.

Comecei a lembrar de minha mãe. Apesar de nossas diferenças, foi ela quem me encaminhou à casa espírita. Lembrei-me também da mocidade

espírita, um grupo de jovens estudando a doutrina, dos amigos, dos sonhos de fazermos algo de bom para um mundo melhor.

Ah, como sonhávamos! Acreditávamos que poderíamos mudar o mundo. Mas, com certeza, a mudança deveria começar em nós. Pensando nisso, senti muita paz. Senti uma energia maravilhosa me atravessando, como se estivesse sendo invadido por partículas minúsculas de um gás renovador e invisível.

Elevei então o pensamento ao Criador e pedi, humilde, que não me deixasse cair na tentação de minha própria inferioridade. Que me desse forças para vencer aquela raiva que deveria anteceder esta existência.

Veio nítido na minha mente que eu deveria procurar minha família, que eu já tinha assimilado as lições que ali deveria passar. Chegando à casa de dona Vilma, ela veio ao meu encontro e disse com muita raiva no olhar:

– Vamos acertar nossas contas, mocinho.

Seus filhos estavam junto dela. Dona Vilma pagou-me o que me pertencia e disse que eu deveria arrumar minhas coisas imediatamente.

Eu sorri, perguntei por que tanta raiva. Ela disse que eu não deveria ter pagado para ver. Neste ponto eu já pensava que não sairia dali ileso. Eles queriam mais do que simplesmente me expulsar. Meu coração batia muito acelerado.

Lembrei-me então do Mestre Jesus dizendo que aqueles que se humilham seriam elevados, mas os

que se elevam seriam rebaixados. Entendi então que os ensinamentos do Cristo são um conjunto de orientações para uma digna sobrevivência, um manual do bem viver.

Com as malas nas mãos, olhei para todos que ali estavam e falei:

– Eu não entendo por que tanta raiva, mas apesar de tudo só tenho a agradecer por terem me acolhido aqui num momento em que eu precisava muito. Fiquem com Deus.

Percebi que eles foram desarmados com estas palavras. Esperavam que eu proferisse qualquer insulto para começarem a briga. Mas uma simples passagem do Evangelho me livrou de momentos mais graves. E não me refiro à salvação do corpo, mas das conseqüências espirituais que uma briga daquelas me traria, tivesse sido eu vencedor ou perdedor. Eu perderia de qualquer forma.

Além de todas as dívidas que eu adquiriria, não estaria aqui hoje, fazendo o que eu mais gosto e que, com certeza, é parte de minha programação espiritual.

Adriano estava estático. A narrativa tinha realmente prendido sua atenção. Esticou a mão e agradeceu ao senhor Francisco pela lição de vida que compartilhou com ele de maneira tão carinhosa.

Foi para casa e pensou pelo caminho que muitas vezes quis também se mudar de casa, de cidade. Queria outra família, mas a lição do nobre senhor o fez pensar que a vida sempre pode ser melhor ou pior, a depender de nossas escolhas.

Chegou à sua casa, deitou-se no sofá e ficou ainda refletindo. Agora entendia que realmente estava no lugar certo, na família certa. Era preciso valorizar o que Deus lhe concedera.

Mas mesmo assim achava que sofria demais. Que havia muita gente ruim, no seu ponto de vista, que vivia uma vida melhor que a sua. Nisso, seus Espíritos protetores lhe aplicaram um passe magnético para que dormisse e eles pudessem lhe mostrar algo.

Ele começou então a ver um pouco de sua vida passada. A providência divina concedia-lhe mais este aprendizado, necessário para que não desperdiçasse sua nova existência. Encontrava-se extremamente rebelde.

Adormeceu e se viu num passado distante, Senhor de escravos, abastado. Viu-se mandando matar muitos escravos que, julgava, não tinham mais utilidade. Viu-se esbanjando dinheiro com jogos, com mulheres. Viu-se desencarnando com um tiro pelas costas. Acordou gritando, pedindo a Deus que o perdoasse, em prantos. Sentia-se agora a pior pessoa do mundo. Não tinha mais vontade de viver. Não merecia viver. Era o que pensava. Mas, ao mesmo tempo, sentiu aquela paz que o senhor Francisco mencionara.

Pensava agora que não era possível morrer e nem fugir das consequências de seus atos. Que estava no melhor lugar, com as melhores condições e com as melhores lembranças que a providência divina poderia lhe proporcionar neste momento.

Lembrou-se ainda de que ele deveria ser resignado e começar a trabalhar para o bem do próximo, obtendo, desta forma, forças para prosseguir. Fazer o bem e esquecer-se seria a melhor maneira de não sentir pena de si mesmo e, assim, não sofreria tanto, apesar dos obstáculos que são inerentes a um mundo de provas e expiações.

Lembrou-se ainda das palavras de Jesus que o senhor Francisco mencionara na conversa que tiveram: "aqueles que se humilham serão elevados, e os que se elevam serão rebaixados".

Lembrou-se de que o doutrinador dissera que esta simples passagem do Evangelho o tinha salvado de maiores desastres morais. E Adriano prometeu a si mesmo que ela o salvaria também. Era preciso refletir, pensar e se esforçar para mudar e melhorar o próprio comportamento. Único caminho, sem dúvida, para o equilíbrio e a serenidade...

(...) De todas as provas, as mais penosas são as que afetam o coração; (...) Que mais consolador, mais encorajador que esse pensamento de que depende só de si, de seus próprios esforços, abreviar o sofrimento, destruindo em si as causas do mal? Mas, para isso, é preciso não deter o olhar sobre a Terra e não ver senão uma única existência; é preciso se elevar, planar no infinito do passado e do futuro; então, a grande justiça de Deus se revela ao vosso olhar, e esperai, com paciência, porque entenderéis o que vos parece monstruosidade na Terra; as feridas que nela recebeis não vos parecem

mais do que arranhões. Nesse golpe de vista lançado sobre o conjunto, os laços de família aparecem sob sua verdadeira luz; não são mais os laços frágeis da matéria reunindo os membros, mas os laços duráveis do Espírito, que se perpetuam e se consolidam em se depurando, em lugar de se romperem pela reencarnação. (...)

Transcrição parcial do capítulo XIV, item 9 – *A ingratidão dos filhos e os laços de família*, de *O Evangelho segundo o Espiritismo*, edição IDE, tradução Salvador Gentile.

Capítulo III

Orai e vigiai

Mateus tinha agora cinquenta anos. Aparentava bem mais que isso, no entanto. Envelhecimento precoce devido ao fumo e ao álcool. Devido também ao estado de espírito, estado de desequilíbrio que foi ocasionado por algumas imprudências na sua existência atual.

Certa vez, estava sentado num parque vendo algumas crianças brincando, com suas mães cuidando delas.

Começou então a lembrar-se de toda a sua vida.

Aquelas crianças com seus pais lhe reavivavam a memória, trazendo com isso certa dor. Uma tristeza que também ensinava.

Lembrou assim que era de uma família simples, porém, bem estruturada emocionalmente.

Eram todos seguidores da doutrina codificada por Allan Kardec e frequentavam o Centro regularmente. Seus pais sempre foram trabalhadores do Centro Espírita, e passaram este legado para Mateus.

Aos quinze anos ele já era dirigente da Mocidade Espírita da casa. Aos dezoito já palestrava com certa facilidade. Parece que tinha mesmo o dom da oratória.

Tinha, como todos os seres humanos, suas dificuldades e limitações. E uma dessas dificuldades,

que deveria lutar muito para superar, era a tendência ao alcoolismo.

Percebeu isto participando de algumas festas, não conseguindo ficar longe da cerveja e de outras bebidas alcoólicas.

Seu pai, que também percebia sua tendência, conversou com ele e o orientou a trabalhar bastante pela causa espírita, mas, acima de tudo, pela causa humana. Para o genitor de Mateus, esta seria a melhor maneira de conseguir vencer sua má tendência. Além, é claro, do *orai e vigiai*, recomendado por Jesus.

Seguindo o conselho do pai, logo viu o resultado desejado. Dedicando-se a divulgar esta doutrina plena de esclarecimentos, não sentia vontade de embriagar-se.

Conheceu aos vinte e dois anos uma bela moça, Karina.

Os jovens se viram pela primeira vez numa casa espírita em que Mateus fazia palestra.

Karina ficou encantada com sua maneira suave de falar. Sua maneira tranquila, pausada e, ao mesmo tempo, com emoção.

Com certeza este era o homem da sua vida. Mal sabia ela que aquele orador não era o homem que ela imaginava.

Karina tinha a mesma idade de Mateus. Trabalhava como química num laboratório farmacêutico. Era magra, bonita, de um sorriso muito cativante. Sem dúvida chamava muito a

atenção por onde passava. Tinha longos cabelos cacheados e pretos.

Namoraram por um ano e tudo era um mar de rosas. Estavam mutuamente encantados. Começaram, então, a fazer planos para o casamento.

Deu-se o enlace, passaram-se as núpcias e de repente tudo mudou. Parece que não havia mais companheirismo, não havia mais prazer em ficarem juntos. Parecia que eles tinham acordado de um sonho para entrarem num pesadelo.

Depois de seis meses de casamento Mateus foi conversar com seu pai, dizendo que não aguentava mais aquela situação, pois Karina tinha mudado repentinamente.

O pai de Mateus era uma pessoa calma, casado há 25 anos, e, portanto, com alguma experiência no assunto.

Depois de ouvir o filho falar bastante, orientou:

– Meu filho, sua mãe e eu experimentamos também as nossas dificuldades de relacionamento. Aliás, nos diz o querido Emmanuel, no livro Vida e Sexo, que não existem no mundo conjunções afetivas, sejam elas quais forem, sem razões nos princípios de causa e efeito, nos quais as nossas responsabilidades são esposadas em comum. Diante desta afirmativa do elevado Espírito, cabe-nos observar que não existe sofrimento por acaso. Que o que chamamos de dor é na verdade uma oportunidade de aprendizado para que fiquemos em paz com nossa própria consciência.

E mais que isso, na maioria das vezes o cônjuge difícil que aqui encontramos, na verdade, nós o reencontramos. E reencontramo-lo na condição em que o deixamos numa vida pretérita.

E, por isso mesmo, o desequilíbrio que vemos nele é o mesmo que nós o ajudamos a adquirir.

Nisso, o jovem interrompeu seu pai.

– Mas pai, toda regra tem sua exceção. Este planeta é de expiação, mas também é um planeta de provas. Pode ser, portanto, que eu não tenha feito nada a ela.

– Pode ser, meu querido. Mas a humildade manda que examinemos com cuidado a questão. Além do mais, seja prova ou expiação, não importa. Nós temos que agir com caridade, pois, se assumimos um compromisso diante da espiritualidade antes de reencarnar, devemos sem dúvida cumpri-lo aqui na Terra, e não fugir dele.

– Mas e o amor que ela dizia sentir por mim no começo? Era tudo mentira? – perguntou o rapaz, irritadíssimo.

– Não podemos dizer que seja mentira. Mas você deve considerar que, como diz o Emmanuel, no mesmo livro, em muitos lances da caminhada evolutiva do Espírito, existe a influência exercida pelas inteligências desencarnadas no jogo afetivo. Referimo-nos aos parceiros das existências passadas, ou, mais claramente, aos Espíritos que se corporificarão no futuro lar, cuja atuação, em muitos casos, pesa no ânimo dos namorados, inclinando afeições pacificamente raciocinadas para

casamentos súbitos, ou compromissos na paternidade e na maternidade, namorados esses que então se matriculam na escola de laboriosas responsabilidades. Devemos orar e vigiar muito, meu filho. Devemos, acima de tudo, escolher a porta estreita.

– Obrigado, pai, pelos seus conselhos. Vou refletir sobre isso.

Dizendo assim, o nosso amigo foi para a casa, sem imaginar que estava sendo acompanhado por alguns Espíritos que queriam muito destruir esta relação, por razões que vamos entender mais à frente.

Ao chegar, não encontrou Karina. Ligou para ela muitas vezes e seu celular estava desligado, o que já gerou na cabeça desconfiada de Mateus muita desconfiança.

Depois de uma hora, o que para as pessoas com a mente perturbada pela ansiedade e desconfiança conta-se por séculos, chegou a moça, cansada, porque o carro tinha quebrado.

Mateus foi logo perguntando por onde andou a esposa, com olhar acusador. Ela contou o que aconteceu, e que um ex-namorado dela tinha passado por lá, ajudando-a com o carro.

Isto deixou Mateus muito irritado, ainda mais irritado do que já estava. A moça, por sua vez, melindrava-se fácil e logo estava formado um ambiente propício para que os Espíritos levianos, que queriam prejudicá-los, pudessem agir.

Como nos ensina o Espiritismo, eles não criam quedas morais em nós, mas somente as alimentam. Aproveitando-se do campo vibratório gerado pela raiva do casal, começaram a semear a discórdia, sugerindo a Mateus que não seria coincidência o *ex* de Karina aparecer por lá bem na hora que o carro quebrou.

Ao mesmo tempo, eles sugeriam a Karina não aceitar este tipo de ofensa, que o melhor era procurar uma pessoa que confiasse totalmente nela. Aquele tipo de pensamento não podia vir de um orador... E tudo isso Karina repetia para Mateus, que também não ficava por baixo. Revidava a cada insulto.

Dessa forma, magoaram-se muito. Embora os Espíritos protetores deles tentassem intervir, sugerindo bons pensamentos, o casal estava numa faixa vibratória muito negativa, não sentindo assim a sugestão dos amigos espirituais.

Depois de algum tempo; Karina trancou-se no quarto. E estavam os dois com uma ressaca moral, lembrando os absurdos que disseram um ao outro.

Enquanto isso, os Espíritos desencarnados, que influenciaram os dois negativamente, sentiam-se realizados.

De outro lado, os amigos espirituais do casal aproveitaram o momento para fazer com que eles refletissem: casamento é renúncia. Deveriam renunciar a si mesmos para poderem superar essas dificuldades e depois, sim, encontrarem a verdadeira felicidade.

Mais calmos, arrependidos, ficaram agora mais receptivos às influências dos bons Espíritos.

Karina chorava bastante. Sentia-se profundamente ofendida, mas lembrava-se que Mateus tinha muita coisa boa também. Ele tinha muitas qualidades, no entanto, era muito diferente do que ela imaginava, não sendo o príncipe encantado que a jovem supôs ser.

Os Espíritos amigos lhe intuíaam que na vida real não existem príncipes encantados. Existem apenas pessoas em aprendizado, com aspectos morais positivos e negativos, a serem aperfeiçoados. O verdadeiro amor se baseia na aceitação do outro com estas tendências infelizes e qualidades. Só o amor e a paciência podem ajudar alguém a mudar. A imposição não leva a nada.

O rapaz por sua vez pensava que não era digno de ser um orador espírita, que sua esposa tinha razão: ele não estava ainda preparado para ser um trabalhador da casa espírita. Sentia uma profunda vergonha das palavras que tinha dito à esposa.

Seus Espíritos protetores lembravam a ele que os doentes é que precisam de médico e não os sadios. A doutrina não pode contar apenas com Espíritos já bem adiantados trabalhando pela sua causa, já que a maioria de nós ainda está em aprendizado e bem longe dos grandes missionários. No entanto, isso não é motivo para deixarmos de ser úteis, já que até mesmo o verme pequenino é capaz de ofertar o pão.

Um Espírito com uma luz muito bela, simpático a Mateus, disse carinhosamente ao seu ouvido, sugestionando-o:

– Lembra-te, filho, que tu és apenas um instrumento, e que fazer o bem é uma maneira de afinar este instrumento ainda tão imperfeito. O próprio Cristo não abriu mão de colaboradores como Pedro, que o negou três vezes, mas que foi depois um dos maiores divulgadores da doutrina cristã. Não desprezou o cobrador de impostos, que mais tarde tornar-se-ia Mateus. Dirigiu-se a Saulo, o perseguidor dos cristãos, carinhosamente, e ele, mais tarde, passou a ser Paulo, que tanto fez pelo Cristianismo. Refugia-te no forte da humildade, colocando-te na condição de simples soldado no exército do Senhor. E não revides a ofensa, seja ela qual for.

Guarda ainda, na tua memória, buscando na tua tela mental, nas horas mais difíceis, que ser um orador foi a maneira que o Pai de infinita bondade te concedeu para, acima de tudo, aprender com o que transmite. Não para ensinar. É necessário ainda ouvir mais o que tu falas, ou melhor, o que é falado através de ti.

Nisso, o jovem rapaz adormeceu, para acordar somente no dia seguinte.

Pela manhã, foi pesquisar em *O Livro dos Espíritos*. Queria saber se uma influência espiritual poderia ser responsável pela briga que eles tiveram.

E na questão número 459 do citado livro, Allan Kardec pergunta: – *Influem os Espíritos em nossos pensamentos e atos?*

Resposta: – *Muito mais do que imaginais. Influem a tal ponto que de ordinário são eles que vos dirigem.*

Isso preocupou muito o nosso amigo Mateus, que continuou pesquisando. Desta vez querendo saber como poderia livrar-se do assédio dos Espíritos. E chegou à questão número 467:

– *Pode o homem eximir-se da influência dos Espíritos que procuram arrastá-lo ao mal?*

– *Pode, visto que tais Espíritos só se apegam aos que, pelos seus desejos, os chamam, ou aos que, pelos seus pensamentos, os atraem.*

Mais uma vez o rapaz sentiu vontade de conversar com o pai. Queria entender bem a questão. Ele não sentia vontade de fazer o mal. Como poderia então atrair Espíritos maus?

Mateus foi à casa do pai e expôs a dúvida.

Depois de ouvi-lo pacientemente, o genitor começou a analisar a situação.

– *Bem, filho, você sabe que somos ainda muito imperfeitos, e, por esta razão, temos que orar e vigiar muito nossos pensamentos. Precisamos, acima de tudo, vencer nosso orgulho, nosso ego, que é a maior causa do nosso sofrimento. Dando valor ao nosso ego, nos melindramos quando alguém nos ofende. Se não déssemos tanto valor a nós mesmos, se nos enxergássemos como Espíritos, nem nos sentiríamos ofendidos. Ficando ofendidos, sentimos*

raiva, e sentindo raiva, atraímos para nós os Espíritos que vibram na faixa dos sentimentos menos nobres, Espíritos que ficam apenas esperando uma brecha para nos destruir. Tudo é uma questão de sintonia, meu filho. Acredito que é isso que os Espíritos superiores pretenderam expressar quando disseram "ou aos que, pelos seus pensamentos, os atraem".

O rapaz agradeceu ao pai, mas no seu íntimo parecia não ter aceitado bem a situação. Ele queria, na verdade, escutar que estava certo e que a culpa era mesmo de sua esposa.

E assim, com o ego inflado, o rapaz voltou para casa. As brigas sucediam-se, os Espíritos das trevas ganhavam força.

Mateus via em cada ato de Karina motivos para desconfiar dela. Isto gerava muita mágoa na moça que, orgulhosa, partia para a agressão verbal. E o clima foi ficando insuportável.

O tempo passou e as coisas foram piorando. Ninguém cedia, ninguém achava que estava errado. A culpa era sempre do outro.

Não entendiam que aquela união era o que de melhor poderia acontecer aos dois. Até que chegaram ao ponto de se agredirem fisicamente.

Era o fim para aquela relação conturbada e preciso, agora, viver com as consequências.

Divorciaram-se e prometeram que seriam felizes, que o mundo tinha melhores atrativos do que aquela prisão que julgavam ser o casamento.

E a consequência de se desertar de um compromisso espiritual é muito funesta.

Quando alguém convida outrem para uma relação mais íntima, ou aceita um convite neste sentido, estabelece-se um circuito de energias psíquicas entre ambos, que vai alimentá-los espiritualmente. Por esta razão, não seria lícito romper o compromisso sem motivo justo.

Não tendo forças para suportar esse golpe, Karina começou a levar uma vida leviana. Sentia falta de seu marido, mas não queria dar o braço a torcer.

Buscava em outras relações passageiras o reequilíbrio, mas só encontrou homens que queriam se divertir e obter prazer sem responsabilidade, o que lhe causava ainda mais angústia.

Chegou ao vale da depressão e, pouco tempo depois, suicidou-se.

Mateus não teve melhor destino.

Tentou algumas outras relações em busca da mulher perfeita, mas encontrou somente pessoas com imperfeições e poucas qualidades. Como é natural, sempre vinham as dificuldades. Dificuldades que Mateus não queria enfrentar.

Solitário e sem forças para continuar sua jornada no caminho de luz, refugiou-se no álcool e nos jogos. Trocava o dia pela noite e em pouco tempo estava doente, abatido.

O fígado tinha sido consumido pelo álcool e esperava agora chegar o momento em que iria desencarnar como um suicida.

Eles, que julgavam que seriam mais felizes longe da batalha diária do casamento, perceberam que fora dos compromissos espirituais tudo é uma grande ilusão.

Agora, sentado num parque, esperando a morte chegar, ficava vendo aqueles casais com seus filhos. Provavelmente todos eles tiveram seus problemas no início da relação. E deveriam ter ainda, mas com uma diferença: escolheram aprender e superar.

Entenderam que não se deve casar para ser feliz, mas para fazer o parceiro feliz, pois, se todos pensassem assim, todos seriam felizes.

A dor interior de Mateus era muito maior que qualquer dor física. Lembrava-se de sua esposa. Onde estaria ela?

Lembrava-se do plano de ter filhos, e, principalmente, lembrava-se tardiamente do aviso de seu pai:

“– É preciso, acima de tudo, escolher a porta estreita, filho!”.

As vicissitudes da vida são de duas espécies, ou, se assim se quer, têm duas fontes bem diferentes que importa distinguir: umas têm sua causa na vida presente, outras fora dela.

Remontando à fonte dos males terrestres, se reconhecerá que muitos são a consequência natural do caráter e da conduta daqueles que os suportam.

(...)

Quantas uniões infelizes porque são de interesse calculado ou de vaidade, com as quais o coração nada tem!

Quantas dissensões e querelas funestas se teria podido evitar com mais moderação e menos suscetibilidade. (...)

Trecho parcial do capítulo V, item 4 – *Causas Atuais das Aflições*, de *O Evangelho segundo o Espiritismo*, edição IDE, tradução Salvador Gentile.

Nota do autor: O conto acima não tem de maneira nenhuma a intenção de pregar que não se deve efetuar o divórcio, pois esta é uma questão de foro íntimo, cuja decisão compete a cada um.

Visamos somente conscientizar a respeito dos compromissos espirituais assumidos, já que toda escolha tem uma consequência.

Aliás, a questão 697 de *O Livro dos Espíritos* nos esclarece bem a este respeito.

Pergunta 697: – Está na lei da natureza, ou somente na lei humana, a indissolubilidade absoluta do casamento?

Resposta: – “É uma lei humana muito contrária à da natureza. Mas os homens podem modificar suas leis; só as da natureza são imutáveis.

Capítulo IV

Mas a vida continua...

Caminhando alguns anos na trilha do tempo, vamos encontrar o personagem principal do conto anterior estagiando numa região de sofrimentos, consequência natural das lembranças de sua existência última, a qual ele não soubera aproveitar.

Culpava-se pelo suicídio da esposa. Sentia a cobrança de sua consciência por não ter cumprido a missão como divulgador da doutrina espírita, como pai de família.

Ouvia ainda o insulto daquelas criaturas que ali se encontravam, que não cansavam de repetir, em alto e bom tom:

– *Suicida, suicida!*

E não podia alegar falta de conhecimento. Sabia ele que era um suicida pelo uso do fumo e do álcool. Noites mal dormidas e um desânimo que também contribuíram para que sua desencarnação ocorresse precocemente.

Incontestavelmente era um suicida.

Via criaturas horripilantes em duelos horríveis naquele lugar escuro.

Andou por ali até perder a consciência do tempo. Sentia-se abatido. Às vezes parecia que ia morrer novamente, haja vista o cansaço e o sentimento de prostração. Perdia a consciência, desmaiava.

Acordava, no entanto, tendo a plena certeza, agora, de que é impossível morrer. Era impossível fugir das consequências de seus atos.

Começou, então, a lembrar-se dos sonhos de juventude. Da vontade de ser útil, que lhe despertava uma sensação maravilhosa.

Das promessas que fizera a si mesmo no sentido de dedicar-se completamente ao semelhante.

Aquelas lembranças eram um bálsamo renovador naquele lugar e principalmente no estado de consciência em que se encontrava.

Pela primeira vez em muitos anos lembrou-se de Deus e da vontade de ser seu servo. De colocar a sua vida à disposição do Senhor.

Onde estaria agora aquela que fora o objeto de seus sonhos mais caros, a mulher que idealizou como mãe de seus filhos?

O que não faria para tê-la novamente ao seu lado!

Estes bons pensamentos tomavam o lugar da tristeza e da revolta que por tanto tempo tomaram conta de sua mente.

Ajoelhou-se então e começou a clamar ao Pai de infinita misericórdia que o ajudasse, que desse a ele uma segunda chance. Sua sincera oração dizia:

– Pai de infinita misericórdia, dá-me a força necessária para encontrar o equilíbrio.

Senhor de bondade e justiça, permite que eu possa pagar minhas dívidas para ficar em paz com minha consciência. Ajuda-me a vencer meu maior

inimigo, que ainda me impede de amar, com plenitude, a mim mesmo.

Dá-me sabedoria para escolher a porta estreita, única capaz de edificar em nós o teu reino de bondade e justiça.

Permite que os teus guardiões possam nos seguir os passos na próxima jornada, pois tão pequenos somos por nós mesmos!

Ajuda-nos a calar nosso orgulho, para que estejas em nós. Para que possamos ser instrumento de tua obra, levando a tua luz até nossos semelhantes.

E que seja feita a tua santa vontade em nós, acima de tudo, Senhor.

Que assim seja.

Finda a prece, a visão espiritual de Mateus parecia mais nítida, pois sua percepção vibratória dilatara-se e pôde então ver ao seu lado Espíritos de uma luz muito bela que lhe estendiam as mãos.

Mateus chorava muito e sentia-se também muito fraco.

Foi então levado para uma colônia espiritual chamada Renovação.

Qual não foi sua surpresa ao saber que passou longos vinte anos nas sombras da própria consciência. Perdeu a noção do tempo, desequilibrou-se completamente, mas, por intercessão de amigos espirituais, que todos temos, e por merecimento próprio, foi socorrido. Agora era hora de descansar e refletir.

Depois de uma semana alojado naquela colônia, vinha agora a vontade de saber dos entes queridos. Onde estaria Karina?

O amigo espiritual que o assistia disse-lhe que a moça encontrava-se ainda em regiões de sofrimento, levada pela própria consciência de culpa e arrependimento. Depois de ter praticado suicídio, tomando veneno, caiu nas mãos de Espíritos perseguidores que se apoderaram dela. Eram companheiros da vida devassa na qual ela se enveredou, depois do divórcio.

Mateus ficou sabendo também que a moça foi por ele abandonada numa existência pretérita, depois de promessas inúmeras de uma vida conjugal. E ele repetira o delito espiritual, comprometendo-se, e ajudando Karina a comprometer-se também.

Tudo isso, pensava ele, por um orgulho ferido, por não saber calar, por uma desconfiança sem fundamento, talvez fundamentada apenas na maneira de ser dele mesmo, pois o homem que trai não confia em ninguém. Traz a mente carregada de culpa. Ou, então, por ter sido ele mesmo traído em outra existência, deixando uma marca que precisaria superar.

Mas era preciso que as lembranças do passado viessem aos poucos.

O fato é que Mateus não cumpriu um compromisso assumido perante a espiritualidade maior e perante sua própria consciência, via de regra, nosso maior juiz.

Na verdade ele não entendeu que quando renunciamos na Terra aos prazeres vãos, materialistas, para ser útil a uma causa maior, estamos na verdade renunciando em nosso favor e evitando sofrimentos maiores.

Mateus ouvia seu mentor espiritual entre choros e soluços.

Mas a providência divina nunca nos desampara. Ficou sabendo ali que teria a chance de ajudar a resgatar Karina, para então poderem voltar ao planeta e se ajustarem.

Passados vários meses de aprendizado, Mateus sentia-se muito melhor, embora ansioso para encontrar sua amada. Era chegado o momento.

A caravana estava pronta. Muitos trabalhadores do bem estavam a caminho daquela região tão cheia de dores. Dentre eles Mateus, esperançoso, mas aflito.

Chegando lá não foi difícil encontrar a moça que procuravam. Mas a cena era horripilante.

Depois de tanto tempo naquele lugar, estava com uma aparência horrível e todos eles fugiam da luz.

Karina parecia cansada de tanto sofrer. No começo foi muito vampirizada. Não suportava mais aquelas criaturas assediando-a. Parecia que era mesmo chegada a hora.

Mateus desceu do veículo que os levara até lá, e dirigiu-se à jovem. Ela estava como que paralisada, com uma aparência cadavérica.

Inicialmente, queria xingar Mateus, mas parece que nem para isso tinha forças.

– *O que quer aqui? Por acaso veio zombar de mim?* – disse a moça encolerizada.

– *Não, meu amor. Estou aqui para buscá-la, caso queira vir comigo.*

– *Já me abandonou uma vez, por que vou acreditar em você?*

Por alguns segundos, Mateus titubeou com as lembranças de tudo o que passaram e de tudo o que lhe fizera.

Mas um Espírito muito iluminado, amigo de existências passadas, e que nutria pelos dois muito carinho, dirigiu-se a Mateus mentalmente, fortalecendo-o, sem que Karina pudesse percebê-lo:

– *Não desista! Lembre-se de que o amor divino mantém as estrelas no espaço e também alimenta o verme no abismo.*

Mateus começou então a concentrar-se naquilo que passaram de bom, e sonhar com o futuro, para ter forças.

– *Porque, Karina, muitas vezes precisamos perder para dar valor ao que temos. Perdendo você percebi que mais importante do que ser livre para as ilusões do mundo é ficar preso, por vontade, aos sagrados compromissos que assumimos. Estamos ligados um ao outro pelos laços santos do amor, mas também dos erros, dos quais não podemos fugir das consequências.*

Dizendo isso, Karina começou a lembrar-se do passado, dos sonhos, dos momentos bons que

tiveram, da vontade de ter uma família, filhos... Tudo isso auxiliada pelo passe espiritual fornecido pelo Espírito que fortaleceu Mateus.

Começou a emocionar-se e pedir a Deus que lhe perdoasse a leviandade.

Deveria ter sido a companheira nas horas difíceis de seu esposo, assim como ele deveria ter sido o porto seguro para a companheira que Deus lhe enviou.

Mas a justiça divina nunca se faz desacompanhada da bondade, e, se o arrependimento chega, com ele vêm também novas oportunidades.

Mateus abraçou Karina, que retribuiu o gesto, e foram ambos para o veículo que os levaria para a colônia espiritual.

Depois de alguns meses de tratamento, Karina parecia bem melhor, com exceção de uma chaga na região do estômago, que só a reencarnação poderia expurgar, chaga esta que era, na verdade, uma lesão no perispírito*, causada pela ingestão de substâncias tóxicas.

Sempre acompanhada por Mateus, que parecia realmente mudado, os dois não viam a hora de voltar. Sonhavam triunfar desta vez.

E Karina perguntou a Mateus quem era aquele Espírito de uma luz maravilhosa que os ajudara no umbral.

Mateus respondeu que era um amigo do passado. Alguém que tinha por eles muito carinho e

que estaria também na próxima encarnação, com o intuito de ajudá-los.

O que mais espantou Karina foi saber que na última encarnação, em que estiveram juntos, este Espírito de luz fora traído pelo casal, porém, suportou sua prova com resignação, longe do sentimento de revolta.

Cristo disse que deveríamos pagar o mal com o bem. Ele ali estava, ofertando a outra face, numa sublime lição de humildade.

Reencarnaria como filho de Mateus e Karina, numa hora difícil em que precisariam de apoio para não caírem outra vez.

Parece que o exemplo desse irmão desapegado já começava a fazer ali o seu efeito.

Karina e Mateus estavam encantados. Foram falar com Miguel. Este era o nome do Espírito que seria seu filho.

Como todo Espírito já adiantado, Miguel não permitiu que eles se alongassem nos elogios. Deixou, apenas, antes de se despedir do casal que partiria para a crosta, numa nova existência, a seguinte mensagem:

Amigos, vamos nos lembrar do Mestre Jesus quando foi chamado de bom. Naquele momento, ele dissera que bom só Deus o era.

Nós outros somos todos iguais, na capacidade de acertar e na de errar também.

Começamos todos de baixo para evoluir em conhecimento e despertar em nós o reino de Deus.

Vamos agradecer ao Pai que faz o sol nascer para bons e maus, que faz chover sobre justos e injustos, que nos dá a oportunidade de nos ajudarmos mutuamente, para que possamos limpar aos poucos a nossa consciência, não nos esquecendo jamais de que, depois da grande noite tempestuosa, o sol sempre voltará a brilhar. Não podemos perder tempo com lamentações, já que a vida sempre continua...

* Perispírito: Envoltório semimaterial do Espírito. (Vide questões 93 a 95 de *O Livro dos Espíritos*.)

Nota da Editora: Sugerimos, com relação ao tema *Suicídio* o estudo das questões 943 a 957 de *O Livro dos Espíritos*, e também a leitura da obra *Memórias de um Suicida*, de Yvonne do Amaral Pereira, edição da Federação Espírita Brasileira.

Capítulo V

Fora da caridade não há salvação

Marcela passava em frente do Centro Espírita quando resolveu parar. Ficou olhando, queria mesmo entrar, mas sua mãe sempre lhe dissera que Espiritismo era coisa do demônio.

No entanto, até mesmo sua mãe havia lhe virado as costas. Sentia-se sozinha, sem o auxílio da família encarnada, longe daqueles que julgava seus amigos. Sentia-se muito só e suas verdades caíram por terra. Não sabia mais no que acreditar.

E a esta altura da vida achava que não poderia ser tão ruim assim entrar num lugar como aquele que lhe parecia tão simples, tão inofensivo, olhando dali de fora.

Marcela era uma moça alta, morena, olhos verdes. Era bonita, jovem e infeliz. Tinha uns vinte e cinco anos, e não tinha ainda se encontrado.

Encostou o carro, desceu. O portão estava aberto, havia algumas pessoas dentro do Centro, pois era hora do atendimento fraterno.

Alguns trabalhadores voluntários aplicavam passes magnéticos. Outros distribuía alimentos.

Definitivamente, o lugar não parecia nada perigoso.

Marcela entrou e viu um cartaz com os seguintes dizeres: "Fora da caridade não há salvação".

Achou interessante. Sentou-se num banco de cimento, ficou olhando, mãos na cabeça. Não sabia direito o que estava fazendo ali, mas sentia-se bem. Sentia uma calma, uma tranquilidade que há muito não sentia.

Até que um trabalhador da casa, o amigo Geraldo, aproximou-se e puxou conversa com Marcela.

– *Olá, seja bem-vinda, minha amiga.*

Ele era uma pessoa muito simpática, e isso estava estampado no seu olhar, que tinha um brilho que só os olhos de uma pessoa serena têm.

– *É a primeira vez que entra num Centro Espírita?* – perguntou o rapaz.

– *Sim* – respondeu Marcela, ainda meio perdida.

– Pois então fique à vontade. Temos aqui muitas atividades, mas parece que agora você está meio cansada para falarmos disso. Se quiser, podemos tomar um suco e jogar um pouco de conversa fora.

Marcela estava meio espantada. Na verdade esperava ser abordada de outra forma. Esperava que o rapaz tentasse convencê-la de que aquele lugar seria sua salvação.

Mas parece que ele queria mesmo apenas conversar, deixar Marcela à vontade.

De fato era esta a intenção de Geraldo. Ele sabia que não é intenção do Espiritismo convencer ninguém de nada. O próprio Kardec nos diz no livro *O Que é o Espiritismo* que não é intenção desta doutrina fazer prosélitos.

Não seria mesmo possível fazer isso, pelo simples fato de que cada pessoa está num grau evolutivo próprio, e como a evolução não dá saltos, devemos respeitar o momento de cada um. Além do que, todos nós temos o livre-arbítrio que nos é concedido pelo Criador, e que deve ser respeitado.

Esta atitude gerou certa simpatia de Marcela por Geraldo. Ela aceitou, então, tomar o suco, e começou a conversar com o rapaz falando sobre o cartaz que viu ali no centro:

– Achei muito interessante este cartaz. Já frequentei muito a Igreja católica, e lá tinha um parecido. "Fora da Igreja não há salvação".

– Pois é. – disse Geraldo. "Fora da caridade não há salvação" é uma máxima do Espiritismo que nos diz que muito mais importante do que títulos é o amor, pois a caridade é o amor em ação.

– Mas você não acha que o mundo anda precisando muito mais do que esmolas, que geralmente são migalhas que caem da mesa dos ricos?

Geraldo ouviu com atenção, notando nas palavras de Marcela um tom de desespero e até um pouco de revolta. Depois de um gole de suco, responde, serenamente, sem querer impor sua verdade à moça:

– Você tem razão quando diz que o mundo precisa de muito mais que esmolas. O mundo anda carente de muitas coisas, mas principalmente de amor. E foi o "amai a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo" que o Cristo afirmou

serem os principais mandamentos, por resumirem todos os demais. No entanto, precisamos considerar que as migalhas têm também seu valor, embora não resolvam por completo o problema da miséria no mundo. Eu me lembro ainda das muitas vezes que precisei pedir um pedaço de pão quando criança e, ainda hoje, oro por essas pessoas que me deram de comer, porque foi também graças a isso que não recorri ao roubo, que não enveredei por caminhos menos nobres da vida.

A moça o ouvia com muita atenção. Suas palavras tinham bastante magnetismo. Depois de uma breve pausa, ele continuou:

– Mas o Espiritismo nos ensina que a caridade é muito mais que doar um pedaço de pão. Muito maior que isso é dar de seu tempo, de seu amor. Dar atenção a uma pessoa necessitada, ser indulgente, gentil, carinhoso. Tudo isso é também caridade, caridade moral. E a maior das caridades é, com certeza, nos tolerarmos uns aos outros.

Marcela parecia absorver todas aquelas palavras. Refletia sobre elas.

– Acho que vocês têm razão. Sempre fui à igreja e nunca fui salva. Pelo menos não me sinto salva de nada. Muito pelo contrário, minha vida anda muito complicada. Mas não vamos falar de mim. "Fora da Igreja não há salvação" é meio arrogante, não acha?

– Vamos dizer, Marcela, que é excludente, pois o fora da caridade não há salvação nos diz que todo aquele que praticar a caridade, independente de religião, está no caminho certo. Enquanto que fora

da Igreja *diz que só aqueles que são fieis à Igreja serão salvos.*

Marcela balança a cabeça como quem concorda, e diz que gostaria de saber um pouco mais sobre o Espiritismo.

– Minha mãe sempre me disse que o Espiritismo era coisa do diabo. E só entrei aqui hoje porque minha vida anda muito complicada. E até mesmo minha mãe não tem me compreendido. Acho que entrei aqui também para contrariá-la, de certo modo.

Geraldo sorriu, e disse:

– Temos aqui, às quartas-feiras, um estudo de O Livro dos Espíritos. É um estudo para iniciantes, você será bem-vinda.

Tentamos relacionar nossos estudos, de forma dinâmica, com os problemas que mais afligem à humanidade na atualidade. Desta forma fica mais interessante, menos maçante. E assim as pessoas acabam entendendo melhor a mensagem.

– Parece interessante. Vou aparecer na quarta, sim, Geraldo. Gostei muito de conversar com você.

Despediram-se e Marcela foi para casa mais aliviada. Ela morava sozinha, tinha acabado de separar-se de seu marido e isto era o que mais incomodava sua mãe, que era conservadora.

Ela não via, mas foi inspirada a ir ao Centro Espírita por seus mentores espirituais, seus Espíritos simpáticos, que perceberam que ela estava à beira de uma depressão.

Chegando a sua casa, colocou uma música serena, também por inspiração destes Espíritos e foi tomar um banho. Depois se deitou no sofá e começou a meditar sobre tudo o que conversou com Geraldo. Parecia descobrir um mundo novo. Um mundo com o qual pressentia que ia identificar-se.

Logo dormiu. Saindo do corpo físico podia ver os seus amigos espirituais que nunca a abandonaram. Mas o desânimo, a revolta e alguns hábitos, como ingerir bebida alcoólica, a fizeram vibrar por um longo tempo em faixas menos felizes, não percebendo desta forma a presença desses irmãos.

Por um período relativamente longo tornara-se presa de Espíritos infelizes e foi por eles obsidiada. Mas a ida ao Centro Espírita havia lhe trazido novo ânimo.

Voltou então a vibrar positivamente. Recebera também um passe dos amigos espirituais enquanto conversava com Geraldo, porque naquele momento, através da conversa, tornara-se receptiva, o que contribuía muito para a sua melhora.

No entanto, não compreendia bem o que estava acontecendo. Sua mente estava confusa, cansada. Seus amigos espirituais envolveram-na então numa vibração muito positiva, permitindo que descansasse e acordasse bem disposta.

E na quarta-feira lá estava Marcela, como combinado, no Centro Espírita. Chegou com bastante vontade de perguntar.

Na verdade, quando viu Geraldo, foi ao seu encontro. Cumprimentou-o e começou a falar que

tinha se sentido melhor depois daquela conversa que tiveram. Ela agora tinha sede de aprender sobre essa doutrina.

– Eu queria que você falasse um pouco mais sobre "o fora da caridade não há salvação", Geraldo. Se tiver um tempinho, claro!

– Ah, parece que temos um tempinho, sim, Marcela, antes que comece o estudo de hoje. Bem, o que quer saber especificamente? Se eu puder, responderei. Caso não, nós estudaremos juntos as obras de Kardec, mais especificamente O Evangelho segundo o Espiritismo, que fala sobre este tema.

– É que gostaria que você falasse um pouco sobre o conceito espírita de salvação. Do que vamos ser salvos se praticarmos a caridade?

– Vamos lá, então, Marcela. O Espiritismo nos ensina que somos Espíritos imortais. E, por esta razão, não acreditamos numa salvação no sentido de não irmos para o inferno. Acreditamos que estamos sempre evoluindo, aprendendo e resgatando alguns débitos que contraímos em vidas passadas, pois o Deus de infinita bondade não nos condena eternamente por nada. Mas, se somos livres para plantar, temos, invariavelmente, de colher os frutos de nosso plantio, sejam eles felizes ou infelizes, segundo tenhamos semeado o bem ou o mal.

Mas uma boa acepção da palavra salvação está no mal que a prática da caridade nos impede de fazer, dos caminhos dolorosos e menos nobres que deixamos de trilhar por estarmos neste seguro

caminho da luz. Já advertiu o Mestre Jesus que não podemos servir a dois senhores. E quando a luz chega, as trevas se desfazem.

Indubitavelmente, fora da caridade não há salvação. E pode ter a certeza de que não praticamos a caridade por sermos bons, já que, quando chamado de bom, o Cristo disse que bom só o Pai o é. Nós somos na verdade os primeiros beneficiados por esta prática, seja pela companhia espiritual que atraímos para nós, seja porque desta forma não temos tempo para ficar dando muito valor às nossas dificuldades, ao nosso sofrimento.

Marcela refletia sobre o assunto, quando Geraldo a convidou a entrar. O estudo ia começar.

A moça parecia muito empolgada. Perguntou bastante, esclareceu muitas dúvidas. Parecia muito à vontade.

Findo o estudo, despediu-se e foi para casa. Lá chegando, havia alguns amigos esperando por ela. Eles a esperavam justamente para irem a uma lanchonete. Saíam bastante, principalmente depois que ela se separou do marido.

Na verdade, isso era uma válvula de escape para Marcela, que não tinha o apoio de sua mãe. Ela sofreu bastante com o ex-marido, até o ponto em que não aguentou mais. Ele estava se tornando violento, tinha um amor doentio por ela, e ela, por sua vez, não tinha muita vontade de viver. Achava a vida sem sentido. Felizmente, ainda não tinham filhos.

Chegando à lanchonete, Marcela começou a pensar em tudo isso. Começou a fazer uma retrospectiva da sua vida e percebeu que nunca tinha tido um ideal.

Seus amigos bebiam, fumavam, conversavam sobre coisas bobas. Falavam muitos palavrões.

Marcela agora percebia que aquele ali não era o mundo que poderia lhe trazer felicidade. Percebia que nunca se identificara com a questão religiosa exatamente porque não encontrara ainda um sentido novo para a sua vida.

Começou a se lembrar do *fora da caridade não há salvação*. Era daquela vida sem sentido que ela queria ser salva.

Era jovem, poderia recomeçar, assim como o sol que brilha novamente todos os dias.

Marcela não podia ver neste momento, mas muitas entidades desencarnadas a rodeavam, tentando fazer com que a jovem continuasse sem ânimo, sem vontade de viver, até que desencarnasse precocemente. Queriam vê-la no mundo dos vícios, das drogas, da sexualidade irresponsável, se possível.

No entanto, não eram os únicos a rodearem Marcela. Os Espíritos simpáticos, familiares e protetores também ali estavam tentando influenciá-la para que aceitasse o convite de renovação que o Espiritismo lhe fazia. Eles reequilibravam a balança das influências negativas para que a escolha do caminho a seguir ficasse com a própria Marcela.

Neste instante começou a pensar em seu sofrimento por um outro prisma. Tinha sofrido sim, mas muitas pessoas sofriam mais do que ela. Estava aprendendo agora que toda prova que passamos tem um fim útil, de aprendizado, e que esta prova poderia ser também uma expiação de um passado de equívocos.

Acima de tudo, estava aprendendo com o Espiritismo que Deus é justo, apesar de todas as injustiças dos homens.

Queria mesmo mudar. Sentia agora um chamado, sentia que poderia parar de sentir pena de si mesma. Tinha também algo a ofertar.

“Fora da caridade não há salvação” – estas palavras não saíam da sua mente.

Levantou-se repentinamente da cadeira, causando certo espanto aos seus companheiros. Sem dizer nada, mas, com o intuito de deixar tudo aquilo para trás e começar uma vida nova, entrou no seu carro, quieta, pensando numa maneira de ser útil ao semelhante. Seus amigos não entenderam aquela sua atitude.

Todo mundo pode ser útil, ela pensava. Todo mundo tem algo a doar. Só temos o que doamos.

Suas ideias se misturavam com as ideias dos Espíritos amigos. Eles estavam felizes por perceberem que ela queria seguir o caminho mais ensolarado da vida.

Marcela se via mentalmente trabalhando e se sentia muito bem assim. Sua vida tinha sido vazia até então. Era isto o que lhe faltava, pensava.

“Fora da caridade não há salvação” – continuava pensando enquanto dirigia. Iria, com a bênção de Deus e a prática da caridade, salvar ou tornar útil a oportunidade valiosa da sua encarnação.

E tudo partiu de uma única decisão: a decisão de mudar...

(...) Submetei todas as vossas ações ao controle da caridade, e vossa consciência vos responderá; não somente ela vos evitará de fazer o mal, mas vos levará a fazer o bem porque não basta uma virtude negativa, é preciso uma virtude ativa; para fazer o bem é preciso sempre a ação da vontade; para não fazer o mal basta, frequentemente, a inércia e a negligência (...)

Transcrição parcial do item 10 – Fora da Caridade Não Há Salvação, capítulo XV de *O Evangelho segundo o Espiritismo*, edição IDE, tradução Salvador Gentile.

Capítulo VI

O homem que queria ser alguém

Luiz Fernando era garoto inteligente que desde cedo teve preocupações diferentes dos seus amigos. Ótimo aluno, mas de família pobre, sem uma estrutura religiosa, sempre sonhou em ser alguém na vida.

Ainda na quinta série, sua professora de História disse à classe que eles deveriam buscar fazer um curso técnico, já que provavelmente não conseguiriam fazer uma faculdade. Que deveriam buscar ser alguém.

Aquelas palavras ficariam para sempre guardadas na sua memória, seja pelo tom de pouca fé que a professora mostrava ter por seus alunos, seja porque ele realmente sempre pensou que queria ser alguém.

A respeito das palavras da professora, aproveitamos para ressaltar a importância do educador na vida de uma pessoa. A importância das palavras, que invariavelmente carregam fluidos positivos ou negativos. Palavras que podem ser de incentivo ou desânimo, de carinho ou desprezo. Palavras que neste caso eram carregadas de preconceito, pelo fato dos alunos estudarem numa escola pública, por pertencerem a uma classe social menos favorecida.

Já disse um sábio que nunca se deve dizer a uma criança que seus sonhos são impossíveis. Poucas coisas são tão humilhantes. E seria uma tragédia para a humanidade se elas acreditassem nisso.

Luiz Fernando não deu crédito à jovem docente. Sempre buscou estudar muito para chegar aonde queria. Aquelas palavras serviram mesmo de incentivo ao garoto que, ferido em seu orgulho, pareceu adquirir mais força.

Aos dezessete anos conheceu a Doutrina Espírita através dos livros que de pronto despertaram certo interesse no rapaz. Chegou às suas mãos um exemplo do livro "Nosso Lar", do autor espiritual André Luiz, psicografado pelo maior médium de todos os tempos, Francisco Cândido Xavier.

E como sabemos que nada é por caso, devemos considerar o aviso que tal livro poderia dar ao nosso amigo, ansioso por ser alguém, o que numa sociedade materialista significa ter títulos, ter uma boa situação financeira e influentes relações sociais.

Mas, levando em consideração que o Evangelho de Jesus é a essência do Espiritismo, não poderemos falar desta doutrina sem nos lembrarmos do Cristo, exemplo de humildade e abnegação. Espírito de escol, que não vacilou em descer da altura de sua grandeza espiritual para nos deixar seu manual do bem viver, nosso sublime legado, mostrando que muitas vezes na Terra as posições sociais estão na ordem inversa das qualidades

morais. Não condenando de forma alguma o estudo tão necessário ao engrandecimento da alma, fez-nos, no entanto, lembrar que todos nós somos seres muito especiais, pela origem e destinação, como filhos de Deus. Na verdade, Espíritos imortais, que tudo podemos conquistar segundo suas palavras.

Aos vinte anos, depois de três tentativas e dois anos de cursinho gratuito oferecido por uma universidade pública às pessoas carentes, Luiz Fernando conseguiu ingressar numa faculdade pública, no curso de administração de empresas.

Feliz da vida, o rapaz não abandonou o estudo da doutrina; pelo contrário, aprofundou-se no seu estudo, seguindo o conselho do mestre de Lyon, que fez do "instruir-vos" o segundo mandamento para os adeptos do Espiritismo.

Na universidade era o melhor aluno do seu curso, ganhando desta forma a simpatia de seus professores. Ganhou bolsas, e sua vida profissional estava começando, cedo, a ser encaminhada.

Iniciou o namoro com uma garota igualmente esforçada, que fazia letras. Joana era o seu nome. Morena, alta, muito inteligente. Era alegre, forte, parecia ter muita fé na vida.

Tudo corria aparentemente bem. Os dois se formaram, arrumaram bons empregos e resolveram então se casar. E o fizeram. Seus pais sentiam prazer nesta união.

Não demorou muito para que o primeiro fruto viesse. Joana esperava um filho de Luiz Fernando, que ficou muito contente com a notícia. Ele

acompanhou carinhosamente todo o pré-natal, viu com sua esposa a primeira ultrassonografia. Puderam ver juntos que Joana daria à luz um menino.

E nove meses se passaram, quando algo muito triste aconteceu. O menino de fato chegou a este plano, mas, para isso, sua mãe teve que dar sua vida. Não foi possível, segundo o médico, salvar os dois. Joana teve uma hemorragia, o que não foi possível conter, e deixou seu marido totalmente desesperado.

Agora sozinho, sem ânimo, com um filho para criar, parecia mesmo uma bela peça do destino. Não fossem os pequenos ensinamentos que já extraíra da Doutrina dos Espíritos, não conseguiria mesmo continuar. Era uma alma extremamente sensível.

Não obstante, havia o pequenino que precisava de seus cuidados. Já tinha aprendido que quando reencarnamos nossos mentores espirituais traçam para nós, muitas vezes com nossa participação, um projeto que devemos cumprir para que possamos transpor alguns degraus de nossa evolução. Um projeto que inclui muitos reveses, que são aprendizados, provas ou expiações, que devemos suportar com resignação, cientes da justiça de Deus que dá sempre o melhor para cada um de nós.

Pensou que provavelmente a partida de sua esposa para o plano espiritual, de maneira tão inesperada, estivesse incluída neste projeto. Isso o confortava, mas não lhe tirava de todo a dor da separação da alma que ele tanto amava.

Pensou que devia dedicar-se ainda mais à profissão para poder pensar menos nesta dolorosa prova. E assim fazendo foi ganhando cada vez mais a simpatia do seu chefe. Muito em breve foi promovido, tornando-se uma pessoa com muito sucesso profissional, tal como tanto almejava.

Luiz Fernando foi, no entanto, se afastando da família. Era uma pessoa muito requisitada nos grandes círculos sociais e quase não tinha tempo para si mesmo. Seu filho estava aos cuidados de uma babá muito competente, que logo se apegou à criança.

O rapaz sempre considerou sua família problemática, seu pai com pouca ambição, pouca força de vontade. Achava que a companhia deles era enfadonha. Sua mãe vivia reclamando da saúde, mesmo que nunca se conseguisse detectar doença alguma.

Sua irmã tinha se casado e em pouco tempo separou-se do marido violento. Aquilo causava certa indignação a Luiz Fernando, que sempre achou que o casamento deveria ser para sempre.

Ele se achava um estranho no ninho. Incompreendido e sem conseguir compreender a maneira de ser de sua família, achava que o melhor era mesmo se afastar.

Apesar de sua maneira, que aos seus olhos era a mais correta, o jovem administrador não possuía a felicidade. Lembrava-se do ensino que nos alertava que *a felicidade não é deste mundo*, mas ainda assim considerava seu fardo pesado demais.

Não conseguia entender por que sofria tanto, por que tinha tanta vontade de desistir. Achava muitas vezes que a sua vida era a mais difícil entre todas que podia apreciar. Talvez, se lembrasse de suas existências anteriores, compreenderia melhor por que tanto sofrimento. O que teria feito para merecer tamanha provação?

Levou então suas indagações a um dirigente da casa espírita que frequentava. Otávio, um homem maduro, com seus cinquenta e tantos anos, calmo, sereno, de fala macia, ouvia Luiz Fernando atentamente, esperando o momento certo para orientá-lo. Pedia intimamente a Deus que pudesse ser um bom instrumento, que pudesse ser útil ao rapaz. E, colocando-se humildemente como instrumento, foi inspirado por seu mentor espiritual, e começou a falar da seguinte maneira:

– Que Deus abençoe sua boa vontade na busca do entendimento para se melhorar. Podemos, no entanto, começar a conversa esclarecendo que o esquecimento do passado tem também a sua razão justa. É na verdade concedido por misericórdia do Criador, para aqueles Espíritos que, como nós, ainda não têm condições de lidar de maneira sadia com o passado.

Para entendermos melhor as coisas, é preciso, antes de tudo, nos conscientizarmos. A Doutrina Espírita se assenta na crença em Deus e na sua justiça, como esclarece Allan Kardec no livro "O que é o Espiritismo". É esta a pedra angular da doutrina, já que todo o resto é consequência disso.

Temos que entender ainda que Deus é bondade, fez suas leis justas e irrevogáveis, embora em nossa pequenez espiritual fique muito difícil conceber isto. E tudo que temos é conquistado através do esforço próprio.

Não seria diferente no caso da lembrança do passado. Hoje a maioria de nós não tem condições de suportar esta lembrança. Até porque o próprio termo evolução significa que erramos demais no passado. Evolução significa melhora, desenvolvimento. Ora, é uma expressão redundante, mas, por uma questão didática, vale a pena citá-la. Se hoje estamos mais evoluídos, melhores que ontem, ou pelo menos buscando sê-lo, é porque obviamente ontem estávamos em condições piores do que hoje. E se não suportamos os problemas de agora, como saberíamos lidar com as experiências do passado?

Otávio deu uma pequena pausa, como dando tempo para Luiz absorver os ensinamentos, e prosseguiu, então:

– É bem verdade que muitos irmãos buscam a terapia de regressão na pretensão de obterem revelações que satisfaçam seu ego. Imaginam-se superiores ao resto da humanidade, e acreditam que foram personalidades importantes do passado, segundo a aceção que o mundo deu a esta palavra.

Urge lembrar que o Mestre escolheu um lugar demasiado simples para chegar ao planeta: uma manjedoura. Exerceu a profissão de marceneiro, carpinteiro, até que chegasse o momento de sua

peregrinação dolorosa. Os títulos por si só não nos fazem merecedores da felicidade eterna. Mesmo na Terra, sofrem os pobres e os ricos, embora de maneira diferente.

Em todos os casos a busca pela terapia de regressão seria algo danoso. Pagaríamos uma terapia para lembrar, e ficaríamos a tal ponto perturbados que procuraríamos outra terapia para esquecer.

Luiz Fernando parecia aceitar tais argumentos, mas pedia mais esclarecimentos a respeito de como lidar com a dor. Ele sempre procurou fazer tudo certo, estudar, trabalhar, dar de tudo ao seu filho. Não entendia por que sentia tanta amargura. Mesmo estando profissionalmente realizado, lhe faltava algo.

Reconhecia o valor dos ensinamentos espíritas, mas por que tanta dor? Não poderia Deus fazer as coisas serem mais fáceis?

Otávio sorriu, então, como a esclarecer, segundo seus conhecimentos e a inspiração de seu mentor:

– O objetivo de estarmos reencarnados é exatamente o de ganhar experiência, o que pressupõe conhecer, no verdadeiro sentido da palavra. Disse um sábio que é preciso conhecer o mal para fazer o bem. E O Livro dos Espíritos confirma esta afirmação na questão n.º 634, quando os Espíritos esclarecem que precisamos ganhar experiência, que, se não houvesse montanhas, não saberíamos que se pode subir e descer, se não

houvesse a noite, não valorizaríamos o dia. É preciso, portanto, conhecer o bem e o mal.

Se escolhermos o caminho do bem, mais rápida é a nossa jornada nos mundos inferiores. Menor nosso sofrimento. Na verdade, o sofrimento deriva da maneira de se enxergar a vida. Se nós olharmos para frente, pouco valor daremos ao sofrimento que vamos enfrentando nos exercícios de aprendizado da vida. Muitos de nossos sofrimentos somos nós mesmos que criamos nesta existência atual.

Embora você acredite que sempre fez o melhor, talvez esteja na hora de refletir que este melhor não está sendo o suficiente, e que depende de você mudar as coisas. Quando admitimos que Deus é justo, e achamos que estamos fazendo tudo certo, mas nada está dando certo em nossa vida, é porque, de fato, não estamos fazendo tudo tão certo como imaginamos. É hora de parar e refletir, porque, segundo a lei de ação e reação, colhemos o que plantamos.

Mas como a verdade tem de vir aos poucos, por hora aconselho você a procurar um serviço voluntário a fim de sair do seu mundinho. Todos nós achamos sempre que nossa dor é a maior do mundo, até porque vivemos apenas a nossa vida. Precisamos, também, vivenciar as dores de nossos irmãos.

Apesar de todos os compromissos que sua profissão lhe impunha, Luiz Fernando resolveu trabalhar na casa espírita. Já que estava realmente amargurado, não seria tão custoso tentar. Sentia o

peito opresso. Não seria mais possível viver daquela forma.

Começou então a participar de um trabalho no Centro Espírita no qual Otávio era dirigente. Sempre ia às palestras, mas nunca tomava passes. Foi orientado a estudar a temática em livros que lhe foram indicados.

Aceitou com prazer, já que adorava estudar. Otávio se propôs a estudar com ele, tirar suas dúvidas, na medida do possível, e muito em breve Luiz estava transmitindo passes naquele centro. Percebeu em pouco tempo que teria de mudar alguns hábitos, como, por exemplo, o fato de tomar bebidas alcoólicas todos os dias. Lembrou-se que André Luiz, como ele mesmo narrou na obra "Nosso Lar", também tinha o hábito de ingerir álcool regularmente, o que lhe fora prejudicial, embora tivesse ciência disso só depois de desencarnado.

Agora sabia também que o uso constante do álcool o colocava em contato com Espíritos desencarnados, que se comprazem com os eflúvios emanados por estas substâncias. Entendia que, no caso, facilitaria enormemente a obsessão.

E o tempo foi passando... A cada dia se sentia melhor. A sua companhia espiritual era outra, já que abandonou os barzinhos que frequentava, dedicando-se, cada vez mais seriamente, aos trabalhos da casa.

Sentia agora vontade de conhecer outras atividades. Resolveu participar de um trabalho que distribuía alimentos para pessoas carentes. Na

verdade, antes, nunca havia concordado com isso. Agora tinha grande curiosidade. Achava que este tipo de trabalho incentivava a mendicância. No entanto, sentia-se atraído por ele. Queria conhecê-lo.

Começou a participar de uma atividade dessas, que a casa realizava aos sábados à tarde.

As mulheres preparavam uma sopa que era distribuída pelos bairros pobres da cidade.

No primeiro dia foi com pessoas que já tinham experiência, como é natural. Um senhor e uma senhora, amigos da casa espírita, o acolheram muito bem.

Depois de colocarem as panelas de sopa nos carros, saíram em direção ao primeiro bairro.

Quando chegaram ao primeiro ponto, a senhora começou a distribuição da sopa, enquanto Luiz Fernando entregava os pães.

Havia neste dia algumas roupas para serem também distribuídas. Mariazinha, depois de encher a vasilha que uma menina lhe trouxera, foi buscar algumas roupas que pudessem lhe servir. Nisso, aconteceu algo que chamou muito a atenção do rapaz. Outra pessoa havia chegado para receber a sopa e um senhor distinto chamou Maria, mas, no momento, ela estava ocupada. Parecia que aquele senhor não estava disposto a entregar sopa, pois, pela sua atitude, aquele devia ser o trabalho de mulher. Fernando achou curioso. Não esperava uma atitude destas, em sua opinião, machista, vindo de um companheiro espírita. Esquecia-se ele de que,

antes de ser espírita, o homem também era um ser humano. Ser espírita não significa ser perfeito, mas alguém em luta para conseguir melhorar-se.

Em outra parada veio um garotinho muito pequeno, franzino, buscar sopa com uma panela que era grande em relação ao seu tamanho. Luiz Fernando resolveu então ajudá-lo. Foi levar a panela de sopa até a casa paupérrima do menino. Lá chegando avistou o pai do garoto, que consertava um encanamento, e este lhe pediu, sorrindo, que levasse a panela até a cozinha. O rapaz entrou e viu que a casa não tinha piso, nem mesmo concreto. Era terra vermelha. A cozinha tinha uma geladeira velha, uma pia onde, debaixo, se guardava mantimentos. Uma pequena mesa. Era realmente de dar pena. Luiz olhou para o garoto e lembrou-se de que ele tinha tudo, materialmente falando, entretanto, eram eles igualmente filhos de um mesmo Deus. Seus corpos tinham a mesma constituição. Foi saindo, cabeça baixa, quando o pai e o filho agradeceram: – *Deus lhe pague, moço!*

Sentiu-se muito bem, não por lhe terem agradecido, mas por saber que realmente estavam precisando daquela ajuda. Se Luiz pudesse ver os fluidos maravilhosos que saíam da boca daquelas criaturas, quando elas lhe agradeciam, entenderia a grandeza de um gesto que a ele, em princípio, parecera tão pequeno.

E passaram por muitos outros “pontos”, onde o rapaz foi entendendo que o trabalho que faziam era ainda insuficiente diante da necessidade de tantos

irmãos. Preciso seria fazer mais, havia tantos famintos que, muitas vezes, a sopa que levavam nem dava para suprir a carência de todos. Era realmente um sentimento de impotência, e lhe vinha na mente a conhecida história que um dia ele também ouvira:

"Um rapaz estava na praia, depois que a maré baixara, coletando as estrelas-do-mar que tinham sido deixadas na areia pelas ondas, jogando-as de volta ao oceano. Um escritor o viu e achou um absurdo. Eram muitas estrelas-do-mar, inúmeras... Jamais ele conseguiria jogar todas elas de volta ao mar.

Assim pensando, dirigiu-se ao moço, dizendo assim:

– Meu amigo, você está perdendo o seu tempo. Nunca conseguirá devolver todas as estrelas ao mar.

O rapaz, com seu jeito sereno, respondeu:

– Você tem razão. Mas para aquelas que eu conseguir, já fará a diferença”.

E Luiz entendeu que assim também ocorre naquele tipo de trabalho. Não vai ser possível atender a todos. São tantos... mas não se deve parar por esse motivo. É muito bom ver a alegria nos olhos daqueles que conseguem o atendimento e o recebem com tanta gratidão.

Depois de passarem por todos os pontos de entrega, voltaram ao centro espírita, lavaram as panelas, e regressaram às suas respectivas casas.

Para Luiz Fernando, agora era hora de refletir, digerir o aprendizado. Depois de tomar um banho

relaxante, sentou-se no sofá, com o pequeno filho ao lado, deitado num carrinho confortável.

Começou a pensar que, segundo o Espiritismo, muitos daqueles necessitados estavam ali para aprendizados, ou provas duríssimas; muitos expiavam um passado por, talvez, não terem valorizado o que detinham. Com toda certeza não lhe seria lícito reclamar da vida, sentir-se *o coitadinho* do universo, quando tantos outros irmãos passavam por privações que só agora ele conhecia, por um ângulo privilegiado, diga-se de passagem. Luiz concluiu que estava tendo a graça de compreender, de uma maneira suave, aquilo que muitos Espíritos precisam sentir na pele, de forma dolorosa, para conseguirem entender.

Compreendia também o significado daquela máxima do Espiritismo que diz: *fora da caridade não há salvação*. Entendia ainda o porquê de Otávio recomendar-lhe o trabalho voluntário. Ele estivera achando sua vida muito sofrida, pelo simples fato de se isolar no seu *mundinho*, de maneira egoísta. Era preciso mesmo se colocar no lugar do próximo, para entender que sempre buscou ser alguém sem nunca saber qual o significado de se ser alguém, adotando apenas a acepção que o mundo dera a esta palavra. Agora, porém, entendia que para os cristãos esta palavra tinha outro significado.

Para conseguir ser alguém especial, precisava, antes de tudo, derramar alegria por onde passasse. Mais do que ter um grande sonho, indispensável era ajudar os semelhantes a realizarem os seus.

Lembrou-se de que alguém lhe dissera que o homem era do tamanho do seu sonho. Mas, diante dos ensinamentos espíritas, seria mais correto concluir que o homem é do tamanho da sua capacidade de amar. Do tamanho do bem que realiza. E, para tanto, para poder amar, é preciso entender que diante da órbita do amor divino somos todos iguais, ricos e pobres, doutores ou operários.

Desta forma, fazer o bem não é sinal de sermos bons, porque bom só o Pai o é, segundo os ensinamentos do Cristo. Mas é um sinal de que já entendemos outro ensinamento do Mestre que diz para fazermos aos outros tudo aquilo que gostaríamos que eles nos fizessem.

Lições tão simples tinham mudado profundamente a maneira de Luiz ver a vida. Ele agora se sentia animado. Queria fazer mais, e sabia que seria possível.

Pensou em sua esposa, o quanto ela ficaria feliz com sua iniciativa. Pensou que a amava de verdade, não pensava em casar-se novamente, e sabia que iria encontrá-la em breve, depois de cumprir aquilo que viera fazer nesta existência. Este pensamento o animava. Enquanto esperasse pelo grande encontro, se dedicaria aos irmãos que hoje precisam dele, pois que sabia, amanhã as posições poderiam estar invertidas.

Pensava agora trabalhar menos, não buscar tanto sucesso profissional, para ter a felicidade que o dinheiro não lhe pôde dar. Veio à sua mente a ideia de um projeto em que pudesse dar curso

técnico de administração para as crianças carentes. Não seria difícil, com o apoio do Centro Espírita. Faria o que fosse preciso, com calma.

E o tempo passou. Tudo saiu melhor do que o esperado. Depois de quinze anos, Luiz Fernando sentia-se muito feliz, em paz. Ele tinha conquistado a admiração de muitos amigos encarnados e também desencarnados. Já podia ver os frutos de sua resignação. Muitos jovens que talvez não tivessem um futuro digno... Jovens, como o seu filho querido.

O projeto funcionava todo sábado. E sempre começavam lendo "O Evangelho segundo o Espiritismo". Num dia, em especial, Luiz Fernando trouxe algumas camisetas com o nome do projeto na região do peito, sendo que, atrás, colocou uma pergunta de "O Livro dos Espíritos", com a respectiva resposta. Era na verdade a pergunta de que Luiz Fernando mais gostava e que o guiara pelo resto de sua existência: a questão 642 do referido livro, onde encontramos a seguinte lição:

Questão 642: Para agradar a Deus e assegurar uma boa posição futura, bastará não fazer o mal?

– "Não. Cumpre-lhe fazer o bem na medida de suas forças, porque lhe será pedido contas de todo mal que resultar do bem que não houver feito."

Capítulo VII

Preciosa lição

José Luiz conheceu o Espiritismo aos doze anos. Começou a frequentar a pré-mocidade e não mais parou de ir ao Centro Espírita. A família fazia a reunião do *evangelho no lar* regularmente.

Sua mãe buscou ajuda numa casa espírita pelo fato do marido beber muito. Foi esclarecida e, seguindo as orientações da espiritualidade maior, com muitos esforços, conseguiu alcançar a paz para seu lar.

O marido não mais bebia, seu filho era educado, polido, gostava de estudar. José Luiz tinha muito orgulho de sua mãe. Ele a tinha como um modelo e sabia que o fato dela ter buscado esta doutrina os tinha ajudado muito.

Aos dezoito anos José estava formado "técnico em química", e foi convidado a trabalhar numa cidadezinha a quinhentos quilômetros da sua. Numa fábrica de sucos.

Teria um salário razoável, e chances de crescer profissionalmente. Não teve dúvidas, aceitou a proposta.

Alugou uma casa pequena, mas muito aconchegante, que ficava num bairro tranquilo e distante do centro. Um bairro tão afastado que ainda possuía muitos terrenos para lotear. Logo José

Luiz foi conhecendo seus vizinhos e ficando mais à vontade no bairro.

Ele gostava de sentar-se na calçada de sua casa, numa cadeira de cordas, lendo um bom livro e ouvindo uma boa música. E uma boa música para ele era MPB ou música clássica.

Certa vez perguntou ao seu vizinho se ele não conhecia alguém que fosse pedreiro para fazer um conserto no banheiro. Seu vizinho indicou Josélio, um rapaz muito jovem, que morava nas redondezas. Ele fez o serviço para José, que só então se lembrou que aquele rapaz passava sempre por ali.

Quase todo dia, por volta das dezoito horas, ele passava perto da casa de José Luiz e caminhava em direção a um bar. Ali bebia por umas três ou quatro horas e só depois ia para a casa.

Ele não tinha pai, somente mãe, que tentava de todas as maneiras persuadi-lo a parar de beber.

José começou a prestar mais atenção em Josélio, lembrando-se da história de seu próprio pai. Muitas vezes, com pena, foi ajudar o embriagado a chegar até a casa.

Começou então a pensar numa maneira de ajudá-lo. Sentia muita pena, pois era um jovem que podia ter uma vida digna com a profissão que exercia. Era na verdade muito trabalhador, nunca perdia dia de serviço. Mas José sabia que isso iria mudar se ele não largasse logo aquele vício.

Pensou levá-lo ao Centro Espírita, já que esta doutrina tinha ajudado tanto sua família numa

situação parecida. Mas houve rejeição desta ideia por parte do Josélio.

José Luiz pensou então que deveria começar devagar, levando a doutrina a ele, através dos livros. Entregou-lhe alguns contos, que na verdade nunca foram lidos, apesar de Josélio aceitar simplesmente para não desagradar a pessoa tão generosa.

José Luiz continuava sentando-se na calçada, lendo seus livros, escutando suas músicas, e acompanhando a contínua embriaguez de todo final de tarde.

Ouvia também o barulho de uma igreja que o desagradava muito. Era o som dos hinos evangélicos, e também o som do discurso dos pastores. José não se conformava, nem com a bebedeira do rapaz, nem com o barulho da igreja. E já que não poderia fazer nada em relação aos barulhos evangélicos, fazia com relação ao rapaz. Procurou sua mãe e combinaram internar o jovem numa clínica.

Conseguiram, mas logo ele fugiu. E em breve tempo estava bebendo novamente, todos os dias.

Josélio arrumou uma namorada, bem mais velha que ele, com uma filha de dez anos, para alegria dos fofoqueiros, que não perdoavam um bêbado e uma mãe solteira juntos. Não podiam dar em coisa boa, segundo o povo. José não sabia mais o que fazer para ajudar o pobre rapaz. Resolveu entregar a Deus. E não poderia estar em melhores mãos.

De repente, Josélio sumiu. José não o viu mais bêbado pelas ruas. Na verdade não o viu mais de jeito nenhum.

Preocupado, resolveu ir até a casa do jovem. Chegando lá, teve uma grande surpresa. A mãe de Josélio disse-lhe que o filho tinha conhecido uma moça que o levou para uma igreja evangélica, e, desde então, o rapaz não bebeu mais. Estava mais animado, falando em casamento.

Era na realidade a tal igreja cujo barulho perturbava José, e, por esta razão, ele foi embora meio desconcertado.

Mas numa bela tarde, depois do trabalho, sentou-se como de costume na calçada e ficou lendo um livro, ouvindo concertos para piano de Chopin, até que foi interrompido pelo som da tal igreja. Só que desta vez não sentiu raiva, não ficou perturbado... Apenas se lembrou de Josélio e sentiu muita paz. Entendeu que não cai uma folha de árvore sem que Deus o saiba, e que tudo que Deus permite que aconteça tem um fim útil.

Entendeu o que o Espiritismo vem nos ensinando sempre, que cada ser está num grau de evolução e precisamos respeitar isso. A partir desse dia, sempre que José ouvia aquele barulho vindo da igreja evangélica, silenciava e agradecia a Deus respeitosamente por estas instituições existirem, e serem gotas de bálsamo nas feridas de nossos irmãos.

(...) O verdadeiro cristão não vê senão irmãos nos semelhantes e, antes de socorrer aquele que está na necessidade, não consulta nem sua crença, nem sua opinião, no que quer que seja. (...)

Transcrição parcial de *O Evangelho segundo o Espiritismo*, capítulo XIII, item 20, edição IDE, tradução Salvador Gentile.

Capítulo VIII

Os salvadores de alma

Maria Rita era uma garota quieta, observadora. Tinha os cabelos longos, negros, assim como seus olhos que pareciam duas jabuticabas. Sua pele era clara, macia e bem cuidada. Chamava mesmo atenção pela sua aparência, mas acima de tudo pela sua personalidade: uma pessoa segura, serena.

Aos 14 anos levou um duro golpe: sua mãe desencarnou, deixando-a aos cuidados do pai, que trabalhava bastante para prover as necessidades materiais de sua filha. Desde cedo percebeu que tinha algo diferente. Via um mundo à parte que não era possível ser visto pelas pessoas comuns, o que a fez procurar a Doutrina dos Espíritos, codificada por Hippolyte Léon Denizard Rivail, pseudônimo: Allan Kardec.

Aos dezesseis anos começou a assistir a palestras e frequentar também um grupo de estudos sobre as obras básicas de Kardec. Começou a estudar "O Livro dos Médiuns", e a frequentar reuniões mediúnicas, a partir dos dezoito anos. E via sempre muitas pessoas procurarem a doutrina no intuito de obterem milagres que dispensassem seus esforços próprios. Outras, que tentavam achar nos ensinamentos do Cristo subterfúgios para uma

conduta nada cristã. Outros, ainda, buscavam um Deus que se submetesse aos caprichos de cada um, e, não sendo isto possível, evadiam-se da casa espírita. "Perdiam mesmo a fé, e, segundo a lei de ação e reação, seu sofrimento aumentava, caindo muitas vezes em depressão, chegando alguns à loucura."

Mas Rita era diferente. Era perseverante, estudiosa, calma. Aquele amor pela doutrina não parecia apenas desabrochar nela. Parecia que Maria Rita tinha encontrado um mundo ao qual já pertencia. E desta forma ia se dedicando cada vez mais à causa espírita que é, acima de tudo, a causa do amor, da caridade. Dedicava-se também aos estudos, mas ia igualmente sentindo atração pela parte da doutrina que cuidava dos mais carentes, dos materialmente necessitados. Fazia questão de participar das campanhas do agasalho, de campanhas que visavam adquirir alimentos. Fazia igualmente questão de ajudar a distribuir os agasalhos e os mantimentos.

Sentia que a dor daqueles irmãos que hoje passavam pela prova da pobreza era igualmente sua dor. Sentia que só poderia amar vivendo um pouco o mundo de cada criatura que estava ao seu lado.

E foi além, para surpresa de muitos. Com a ajuda necessária de alguns policiais, fazia uma visita semanal na cadeia pública. Sem nunca dizer que era espírita, levava roupas, comida, e se propunha a levar recados, ou procurar

parentes distantes dos presos. Sempre trajando roupas simples, apenas se identificava como uma professora de Ciências Sociais, na busca de estudar para poder contribuir na formação de uma sociedade melhor.

Alguns presos faziam gracejos, mas não iam além, inibidos pela presença dos policiais. A maioria ficava entre o espanto e a admiração. Não se poderia negar o valor daquela jovem que, sem querer converter ninguém, sem dar lições de moral, estava ali num ato de humildade, dando com certeza uma grande lição de amor, plantando sementes através de seu exemplo.

Logo ganhou a simpatia e a confiança de muitos. Fora deste projeto pessoal, Maria Rita ainda tinha inúmeras outras atividades que iam se multiplicando com o tempo. Escrevia para jornais espíritas e não espíritas, sempre mandando mensagens positivas, sempre tentando esclarecer, diante daquilo que já conseguia entender da vida e da morte. Sempre tentando mostrar que a sociedade é um grande jogo de engrenagens, que não pode prescindir de nenhuma de suas peças para que o funcionamento seja correto.

E diante de sua generosidade era sempre procurada por vizinhos e amigos dos vizinhos que percebiam que ali teriam guarida. Era procurada durante o dia e durante a noite. Muitas vezes no meio de recepções que fazia para amigos e parentes, sem jamais deixar de

dar ao menos a atenção, quando não era possível mais que isso. Sempre educada, de modos polidos.

Era mesmo difícil manter algum relacionamento amoroso, já que a maior parte dos rapazes de sua época não compartilhava de seus ideais. Mas não era possível para ela diminuir o ritmo diante de tanto a fazer, porque jamais poderia ser feliz desta forma.

Aos vinte e três anos escreveu um livro que tinha como tema a educação espiritual.

Ela própria tinha um projeto na casa espírita em que participava, cujo objetivo era o de inserir a mocidade nos trabalhos sociais. Eles faziam grupos de estudo com temas atuais, dando aos participantes a oportunidade de desenvolver outros estudos tendo como base as obras de Kardec. Esses jovens eram naturalmente auxiliados por colaboradores mais experientes, e tinham a oportunidade também de conhecer asilos, hospitais, creches e orfanatos, para que pudessem sair um pouco de suas vidas e não se sentissem nem os melhores, nem os piores. Todo este trabalho era gratificante, mas ao mesmo tempo muito cansativo.

Recebia muitos elogios, mas também muitas críticas. Muita gente a queria fora dos trabalhos, pois sua força de vontade começava a incomodar.

E o tempo foi passando. Maria Rita estava agora com seus trinta e oito anos. Já tinha

escrito muitos outros livros, sempre enfocando a educação, no sentido de orientar para que se buscasse o caminho mais ensolarado da vida. Muitos deles não eram espíritas, eram escritos na linguagem universal, com o conhecimento espírita embutido. O que importava para ela era ser útil, transmitir um conhecimento que libertasse, sem a preocupação de reconhecimento.

Era agora a responsável pelo centro espírita que a acolheu tempos atrás. Viajava muito palestrando sobre temas atuais sob a ótica espírita. Toda a renda que conseguia com a publicação do seu livro era injetada em projetos sociais, assim como ajudar na manutenção do Centro Espírita.

Isso lhe dava uma paz de espírito muito grande, mas muitas vezes sentia uma solidão de grandes proporções também. Seus amigos de outrora não compartilhavam de seu entusiasmo. Quase nunca tinha tempo para lazer e sentia às vezes certa tristeza por não ter tido filhos.

Sentada num parque, pensava nisso, olhando as crianças a brincar, as mães *paparicando* seus "filhotes". Era de fato uma sensação que não pôde conhecer. Será que era hora de parar? Será que valia mesmo a pena?

Não raras vezes era chamada de fanática dentro do seu próprio círculo de relação pessoal. Em outras, era ameaçada por criminosos que sentiam seus interesses ameaçados pelo

trabalho que realizava. Sentia-se desanimada.

Resolveu tomar um café numa padaria. Entrou, sentou e fez o pedido. Numa mesa ao lado havia alguns jovens numa palestra interessante, que Maria Rita não pôde deixar de ouvir. Eles eram alunos do terceiro ano e estavam discutindo um trabalho que o professor de filosofia lhes havia passado. O professor pedira que eles refletissem sobre qual seria a profissão mais importante e por quê. Depois, que levassem o resultado para discutir na sala de aula.

Um dos garotos disse que, sem dúvida alguma, a profissão mais importante era a do Juiz de Direito. Uma profissão delicadíssima, onde se tem que ter a maior sensibilidade para, amparado nas leis, decidir sobre até mesmo o fato de alguém passar uma vida na cadeia, tirando muitas vezes o sustento de uma família.

Já outra menina, com a aparência de intelectual, disse que a profissão mais importante era a dos físicos, de onde saíram os grandes gênios que muito contribuíram com a ciência, através dos feitos tecnológicos.

Nisso, um terceiro interveio, dizendo que a profissão mais importante era, sem dúvida nenhuma, a dos médicos. Argumentou de forma brilhante, lembrando que a nobreza desta profissão já era corroborada pela dificuldade que se encontrava para entrar numa faculdade de Medicina, haja vista a enorme concorrência.

Depois, ainda seria preciso estudar por seis anos até a formatura e mais anos de especialização. E tudo isso porque esses doutores escolheram salvar vidas.

Só faltava um rapaz opinar, mas ele só o fez depois de consultado. Ele era sereno, mais reflexivo, e começou a se expressar assim:

– Tenho a convicção de que todas as profissões têm sua importância e não saberia mesmo dizer se uma é mais importante do que a outra. No entanto, muitas profissões estão sendo valorizadas pelo status que proporcionam, enquanto que as demais, tão importantes quanto, são deixadas de lado. Fico pensando sempre que, se escolhemos uma profissão e nos formamos para contribuir com uma sociedade melhor, temos que priorizar a educação, que em nosso país é tão pouco valorizada. Temos que valorizar muito todos os educadores, no sentido real desse termo, pois que com suas palavras sinceras tentam passar mais do que uma simples matéria escolar. Tentam, acima de tudo, passar valores imprescindíveis para uma sociedade digna. Se os médicos salvam as vidas dos corpos, podemos dizer que os educadores, com seu trabalho de conscientizar pessoas, podem salvar almas de uma vida indigna, de uma vida de violência, de crimes.

Aliás, eu li, nestes dias, algo muito interessante a respeito. A autora é uma educadora, acho que seu nome é Maria Rita, e o

livro dela dizia o seguinte...

Maria Rita ouviu o rapaz colocar na conversa algumas citações de seu livro. Viu emocionada que ele nem conhecia o jardineiro, mas as sementes que ela plantou um dia tinham ali frutificado. Pensou que deveria haver outros jovens que leram e gostaram de seu livro, seus textos, que valorizavam seu trabalho e, mais que isso, consideravam importantes suas colocações. Era preciso continuar.

Levantou-se com um lenço na mão, enxugando algumas lágrimas. Retirou-se, sem ser percebida pelos garotos que continuavam o trabalho de classe. Mal podia ela entender que para ali fora através da inspiração dos inúmeros amigos espirituais que cativara ao longo dos trabalhos que realizava, acima de tudo, em prol da causa humana, para receber palavras de consolo, sem precisar receber confirmação numa reunião mediúnica que talvez despertasse nela um pouco de orgulho.

Não poderia imaginar a cena maravilhosa que se desenrolava ao seu redor. Os inúmeros amigos espirituais que vinham ao seu auxílio. Não podia nossa amiga imaginar que nunca estivera tão bem acompanhada, rodeada de amigos sinceros, leais, que tanta gratidão nutriam por sua pessoa.

(...) fazer o bem é se conformar com a lei de Deus, e fazer o mal é infringir essa lei. (630)

(...) Não há ninguém que não possa fazer o bem.

Só o egoísta não encontra jamais oportunidade. Bastará estar em relação com outros homens para se encontrar ocasião de fazer o bem (...) (643)

(...) O mérito do bem está na dificuldade. Não há mérito em fazer o bem sem trabalho, e quando nada custa. Deus tem mais em conta o pobre que reparte seu único pedaço de pão, do que o rico que não dá senão do seu supérfluo. (...) (646)

Transcrições parciais de respostas de *O Livro dos Espíritos*. A numeração em destaque refere-se ao número da questão.

Capítulo IX

Conflitos da alma

Carlos Henrique era um rapaz pobre, mas trabalhador. Era uma pessoa reflexiva. Queria saber sempre o porquê de tudo. Tinha uma família que, a seu ver, era complicada. O pai bebia bastante. A mãe, não obstante sua generosidade, era de uma moralidade excessiva, chegando a condenar os semelhantes, como se ela mesma fosse isenta de erros.

Sua irmã somente queria saber de festas. Dizia que procurava um grande amor, e por esta razão não conseguia ficar sozinha. Estava sempre trocando de namorado.

O rapaz era o mais jovem da família. Gostava mais de ler, assistir a noticiários, e a um bom filme. Não era muito de sair, nem parecia viver os exageros nocivos de sua época. Mas gostava de uma cerveja, de um churrasco. É verdade que ele também era moralista, à sua maneira. Sempre gostou de praticar esportes e dizia que não gostava de brigas. Apesar disso, não era de levar desaforo para casa.

Seus mentores espirituais sabiam que ele tinha muito potencial, uma boa bagagem espiritual. Sabiam que nesta vida ele poderia melhorar bastante. No entanto, tinha ele o seu livre-arbítrio.

Devemos ainda dizer que este rapaz era bastante machista, orgulhoso. Seria este o ponto que mais deveria trabalhar nesta existência. Sempre foi um ótimo aluno, que chamava a atenção dos professores pela sua facilidade em aprender, assim como pela sua timidez. Bastava um elogio para que ficasse vermelho.

Sua família era católica de batismo, apesar de não frequentar a igreja regularmente. Carlos, sim, frequentava como "coroinha" e tinha bastante contato com o padre, já que era o seu ajudante nas missas.

Apesar disso, as dúvidas de Carlos Henrique não eram eliminadas pelo Catolicismo. Pelo contrário, tinha muita coisa que ele não entendia. Tinha muita coisa mesmo com as quais ele não concordava.

Aos dezesseis anos, um colega dele, Alexandre, convidou-o para conhecer a casa espírita que frequentava. Carlos aceitou de maneira tão espontânea que nem mesmo entendeu o motivo.

Começou a ir à mocidade junto de seu amigo. E logo estava sendo admirado pelos participantes do grupo que percebiam sua facilidade para o estudo. Mas Carlos era também muito crítico, muito questionador, características que não costumam agradar muito.

Estava sempre dando sua opinião a respeito de como deveriam ser os estudos. Se o grupo poderia melhorar aqui ou ali. E em breve tornou-

se um bom colaborador. Começou a participar em todos os setores do Centro Espírita, não se limitando aos trabalhos da mocidade.

Carlos Henrique sentia que sua vida estava mesmo diferente, que uma atmosfera maravilhosa o envolvia. Percebia agora que poderia sentir muito prazer, encontrar muita alegria na nobre arte de servir. Sentia-se até mais calmo, sereno. No entanto, algo aconteceu de inesperado. Um belo dia, no trabalho, seu companheiro foi extremamente grosseiro com ele. Carlos respondeu de pronto, causando certa humilhação ao colega. É que o moço tinha sempre uma resposta na ponta da língua. Porém, chegando a casa, sentiu-se mal. Pensou que tinha exagerado, que não precisava ter sido tão grosseiro, descendo ao nível do amigo. Mas, pensava, por outro lado, tinha colocado o rapaz no lugar dele: nunca mais o incomodaria.

E Carlos estava certo. O rapaz não o provocaria mais. O que não significa que não estivesse com raiva. Aliás, estava com muita raiva. Só estava esperando uma oportunidade para devolver a humilhação. E para tal contaria com a ajuda de alguns amigos desencarnados que vigiariam Carlos Henrique, inspirando o seu rival para situá-lo em alguma situação embaraçosa.

O tempo passou e Carlos conheceu uma bela garota no Centro em que trabalhava. Eliane era uma linda menina, com seus dezoito anos, um a

menos que Carlos tinha agora. Ela também frequentava aquela casa, tinham de fato muita coisa em comum.

A admiração mútua foi crescendo entre eles. Perceberam que gostavam um da companhia do outro, e, assim, a aproximação ocorreu naturalmente. Eliane estava cursando Pedagogia. Todo dia Carlos a buscava na faculdade, que ficava na mesma cidade em que eles residiam.

Uma bela noite o rapaz chegou à faculdade e a encontrou conversando com amigos. Ao vê-lo, Eliane despediu-se dos rapazes com um beijo no rosto. Tudo seria normal, não fosse o fato de um deles, um moço elegante, de boa aparência, fazer parte desta roda de amigos. Ele se afastou de Eliane com um sorriso, e a seguiu com o olhar. Era Marcelo, ex-namorado da jovem. Carlos o reconheceu.

De longe, percebia tudo. Entendeu que Eliane tinha mais um admirador. Fechou a cara, sentindo muita raiva dentro de si. Apesar da maneira carinhosa com a qual foi tratado pela namorada, ficou calado, olhos esbugalhados, transparecendo uma raiva que Eliane desconhecia. Talvez ele próprio desconhecesse ter esse sentimento ruim dentro de si.

O que Carlos não podia ver é que, ao seu lado, neste momento, havia uma entidade desencarnada que não sentia nenhuma simpatia por ele. Se sentisse raiva, vibrava numa faixa de

energias menos nobres, permitindo desta forma a influência do Espírito desencarnado, que mais alimentava aquele sentimento.

E Eliane, que era muito calma, percebendo que seu namorado estava diferente, perguntou se tinha acontecido algo. Como Carlos não respondesse, resolveu não insistir. E foram calados para casa.

A entidade desencarnada, no entanto, não deixou os dois a sós. Ficou colocando ideias na cabeça de Carlos durante todo o caminho. Ideias que Carlos achava que eram dele. Pensava: *Eliane sabia que o rapaz gostava dela. Devia estar gostando da situação, afinal, não se afastou. E se realmente assim fosse, não era a boa moça que lhe parecia. Devia estar brincando com os dois. E isso ele não iria suportar. Além do mais, já haviam sido namorados, já haviam tido tanta intimidade... Não, não podia entender.*

E com essas ideias, alimentadas pelo obsessivo, Carlos levou sua namorada para casa, despedindo-se com um simples e frio tchau. Em casa, deitou-se e parecia estar em chamas. Sua cabeça fervilhava. Seu orgulho não poderia admitir o que vira.

Mas gostava muito da jovem. Sempre a considerara uma pessoa maravilhosa. Racionalmente sabia que estava sendo egoísta e insensível. Isto lhe passava agora pela cabeça. Ele mesmo já tivera outras namoradas. Eliane nunca implicara com esse fato. E ela lhe fazia

tão bem, todos diziam que eles formavam um lindo casal. Não se lembrava mesmo de terem tido uma briga, tão grande a afinidade entre ambos.

E, assim, duas ideias contrárias conflitavam em sua cabeça. Carlos estava cansado, ia adormecendo, adormecendo... Com a ajuda de um passe transmitido por um mentor espiritual, deixou o corpo físico e pôde ver o amigo, que algumas vezes já tinha se apresentado a ele. Sempre que a vibração de Carlos permitia, Alexandre, seu mentor, "aproximava-se".

– Bem, meu amigo – disse Alexandre. – Parece que você está tendo alguns conflitos. Parece que o homem velho está conflitando com o novo homem que está nascendo em você com a ajuda do Espiritismo, que adotou como filosofia de vida.

Carlos, então, perguntou:

– Por que senti tanta raiva? Não gosto deste sentimento. Não gosto de me sentir assim.

E seu amigo espiritual, carinhosamente, veio em seu socorro:

– Como você já sabe, Carlos, somos Espíritos que já reencarnamos muitas vezes, com diferentes experiências, e quase sempre cultivamos o orgulho no passado, cultivamos sentimentos de posse, fomentados pela cultura egoística que até hoje tem dominado o planeta. Andamos na contramão da aquisição dos verdadeiros valores da vida. E é justo que nós mesmos arranquemos, com muito esforço, tudo aquilo de ruim que plantamos em nós.

Carlos o interrompeu:

– Mas hoje eu sou diferente, eu quero ser diferente. Não quero sentir estas coisas que só me fazem mal. Não quero magoar minha namorada.

– O que precisamos entender, amigo, é que estamos muito longe de nos conhecermos totalmente. Aquilo que achamos que somos, que os encarnados vivem durante o dia e acreditam que sejam, é apenas uma pequena porção do ser. Um Espírito é algo demasiado complexo, um mundo magnífico a ser explorado.

Como podemos ver no livro Mundo Maior, de André Luiz, por Chico Xavier, nossa mente é cheia de detalhes que precisamos compreender para um melhor crescimento espiritual.

Neste livro, no capítulo "A Casa Mental", André Luiz nos dá uma preciosa lição, narrando os ensinamentos de um mentor espiritual seu, que disse que nosso cérebro é como um castelo de três andares, sendo o primeiro a região do sistema nervoso central, região onde fica o nosso subconsciente, o porão da individualidade. Ali estão arquivadas todas as nossas experiências de vidas passadas, toda a nossa bagagem espiritual. No segundo andar, região que compreende o córtex motor, está o consciente, onde residem as energias necessárias para as conquistas do hoje. Já no terceiro andar, região dos lobos frontais, está o superconsciente, a parte mais sublime de nosso ser. É a sentinela do certo e do errado, onde estão escritas as metas superiores a serem alcançadas. Aliás, a questão 621 de "O Livro dos Espíritos"

amplia a explicação, dizendo que as leis de Deus estão escritas em nossa consciência. Como pode ver, temos em nós o ontem, o hoje e o amanhã.

O que fizemos ontem determina o que sentimos hoje. O que fizemos muito, repetidas vezes, construiu nossa maneira de ser. Mas a sentinela de nossa probidade interior, o superconsciente, vai desabrochando cada vez mais, mostrando-nos quando não estamos no caminho certo. Daí a confusão, o conflito, entre o que somos e o que devemos ser. Devemos ainda acrescentar que quando vibramos na faixa de sentimentos menos nobres estamos permitindo que os Espíritos deste nível nos influenciem.

Mas podemos vencer isto. O consciente escolhe o caminho que quer seguir, se quer mudar de direção ou continuar cedendo às tendências inferiores que adquiriu no passado. Não, porém, sem muita luta, muita perseverança, muita oração. E por isso devemos lembrar sempre que o "orai e vigiai" é mesmo um dos mais belos ensinamentos do Cristo.

Falando isso, Alexandre deu um grande abraço em Carlos e retirou-se. Carlos tinha a mente cansada, parecia ainda querer dormir, mesmo fora do corpo. Foi então perdendo a consciência, tudo foi ficando diferente à sua volta. Começou a sentir uma dor terrível de cabeça, muita intensa. Começou a gritar com as mãos no rosto, até que aconteceu algo demais estranho. De Carlos pareceu saírem duas

peessoas que, na verdade, eram réplicas suas. Eram na verdade dois guerreiros, prontos a se digladiarem. Um se chamava "Sub", e tinha uma aparência feia, suja. Já o outro era todo luz, com um lindo sorriso no rosto. Seu nome era "Super".

Cada um então sacou sua arma. A do "Sub" era uma espada estranha, gravada nelas as palavras "Código de Honra". Já na arma do "Super" estava escrito o seguinte: *leis divinas*. E começaram a brigar ferozmente por muito tempo, numa luta impressionante. E brigaram, brigaram, brigaram. E a cabeça de Carlos doía cada vez mais.

Até que algo estranho ocorreu. O cenário mudou totalmente, e estavam todos num tribunal, onde "Sub" e "Super" advogavam uma causa nobre. Já Carlos, surpreendentemente, se via na condição de juiz que decidiria a causa.

A arma de "Sub" era agora o "Livro da Mentira", e o de "Super" era "O Código das Leis Morais".

E discursaram ambos de maneira eloquente, cada um a seu tempo. Com direito a réplica e tréplica. Carlos estava agora mais calmo. Era hora de decidir.

Decidiu que o certo seria feito, que as leis de Deus iriam seguir. Neste instante, voltaram à cena anterior, onde "Super" parecia mais forte, atingindo "Sub" com sua espada, que fugiu, ferido, prometendo voltar.

Nisso, Carlos Henrique acordou suado. Tudo parecia nítido em sua mente. Foi à cozinha, bebeu um copo de água, com a mente presa naquilo que julgou um pesadelo. Voltou para seu quarto e adormeceu.

No outro dia pela manhã, durante seu café matinal, ficou pensando muito sobre o assunto. Sabia que poderia simplesmente não dar atenção ao acontecido, ou então aproveitar aquele sonho para crescer espiritualmente.

De fato, era exatamente daquele jeito que se sentia algumas vezes, diante de situações difíceis, entre o que desejava fazer e o que deveria fazer, entre seus sentimentos e o que já tinha aprendido diante do Evangelho de Jesus.

Queria mesmo dar força ao "Super". Sabia que era necessário continuar avançando na senda do progresso. Sabia que era necessário deixar o homem velho para trás, não era possível parar agora.

Resolveu então conversar com sua namorada sobre o acontecido. Era preciso ser franco, falar sobre tudo. Deixar claro que tinha, sim, ciúme, infundado, é verdade. Era preciso dizer que ele confiava na sua namorada plenamente, que não poderia ofendê-la com suas cismas. Era preciso deixá-la ciente de todo seu amor e, acima de tudo, de sua confiança em Eliane.

Carlos Henrique procurou a namorada e disse tudo o que sentia. A moça o ouvia

atentamente, olhos brilhantes. E sentia sinceridade nas palavras de Carlos. Queria mesmo ajudá-lo a vencer aquilo que o incomodava, assim como sabia que, juntos, ela também teria mais força para vencer as suas próprias imperfeições. Eliane, depois de uma pausa, tomou a palavra.

– Eu fico muito feliz que consiga enxergar aquilo que é preciso mudar, meu amor. Isso me dá força também para refletir sobre meus defeitos, mas como pretende vencer estes sentimentos que parecem ter tanta força dentro de você?

Carlos Henrique ficou espantado com a pergunta tão sensata de sua namorada. Sabia o que devia eliminar em si, porém não bastava. Precisava agora de um método para vencer aqueles sentimentos. Afinal, são energias que cultivara por muitas existências. Confuso, Carlos deu com os ombros, como a dizer que não sabia como proceder.

Nisso, sua namorada, amorosamente, pegou suas mãos, e como se fosse uma senhora de sessenta anos, no auge de sua experiência, começou a falar assim:

– Nós sabemos que estes sentimentos são energias que não podem apenas ser reprimidas, pois, desta forma, elas são apenas enterradas vivas em nosso inconsciente, como uma bomba-relógio pronta para explodir.

Diante do que já estudamos na doutrina,

chego a pensar que não podemos extirpar um defeito de nosso íntimo, como a jogar aquilo fora. Acho que podemos, sim, transformar este defeito em qualidade, canalizar esta mesma energia para coisas boas. Lembro-me daquela famosa afirmação que diz: na natureza nada se cria, nada se perde, tudo se transforma.

Carlos parecia interessado nas deduções de Eliane e pediu que continuasse:

– *Continue. Estou entendendo. Como poderíamos transformar o mal em bem?*

Eliane prosseguiu humilde:

– *Vamos imaginar que nós somos uma esponja do mar, imersa num mar de amor, que são os pensamentos divinos, onde todos estamos mergulhados, do átomo ao arcanjo.*

Sabemos que as esponjas, através de seus poros, permitem que as águas as penetrem, realizando desta forma a sua alimentação, assim como sua respiração e excreção.

E nós, quando nos dedicamos ao trabalho do bem, quando vigiamos nossos pensamentos, quando nos colocamos em oração, estamos nos colocando em contato com os Espíritos de luz, vibrando numa faixa de energias sutis. Desta forma estamos promovendo nossa alimentação espiritual, respirando novas forças e renovando nossas energias, expulsando aquelas que não nos servem mais.

Carlos parecia inebriado com aquelas explicações. Ouvia Eliane atentamente, que,

depois de uma pequena pausa, continuou:

– Por esta razão, ensina-nos o Espiritismo que fora da caridade não há salvação.

Carlos concordou com sua doce namorada, abraçando-a com muito carinho. Ficaram alguns minutos, num abraço intenso, numa troca maravilhosa de energias de amor.

Passada a emoção, despediram-se, e Carlos foi meditar um pouco sobre o que deveria fazer. Sabia que poderia estragar aquele namoro tão cheio de afinidades com seu ciúme doentio, e por isso não vacilaria, arrumando mais atividades que o ajudassem a vibrar na faixa das energias do bem.

Assim aconteceu. Começou a dedicar-se à doutrina, no sentido de ajudar o próximo, em vários trabalhos. Passou a entender mesmo que para ser feliz era preciso fazer o bem aos semelhantes: o bem que receberia na vida seria do tamanho do bem que distribuísse. Não ficaria mais calculando cada atitude sua para saber o que receberia. Não, era com muito prazer que iria servir. Ficava muito claro que, plantando, colheria – é da lei.

Mesmo assim, muitas vezes sentiu aquele ciúme que parecia querer corroê-lo por dentro, mas percebeu que tinha muito mais força no caminho do bem. Sabia que cultivar uma semente leva tempo, e para colher era preciso paciência. Sua namorada estava muito orgulhosa dele, porque percebia sua enorme força de

vontade.

Assim seguiram por uma vida toda, duas almas enamoradas, unidas pelos mais sinceros laços de simpatia. Eliane, com sua enorme paciência, e Carlos trabalhando pelos outros. Desta forma, por si mesmo, sem jamais tirar de sua cabeça, principalmente nas horas difíceis, aquela máxima espírita que diz que *fora da caridade não há salvação*.

– Benevolência para com todos, indulgência para com as imperfeições alheias, perdão das ofensas.

Resposta à questão 886 de O Livro dos Espíritos, que indagou: Qual o verdadeiro sentido da palavra caridade, como a entendia Jesus?

Capítulo X

O selo de Salomão

Marco estava correndo assustado num labirinto. O lugar parecia conhecido e ao mesmo tempo muito estranho, até que chegou a um ponto onde encontrou um lago. Na superfície deste lago viu algo que lhe causou espanto. Era um símbolo: o selo de Salomão, a personagem relatada nas sagradas escrituras, sendo este símbolo muito conhecido dos egípcios.

O símbolo consiste, basicamente, em uma figura oval contendo dentro um ancião olhando sua imagem refletida num lago, com alguns outros símbolos menores diferindo da imagem do objeto.

Esta simbologia visa lembrar que o microcosmo é a réplica fiel do macrocosmo. "Assim como é em cima, é em baixo".

Marco ficou de olhos fixos naquela imagem, fascinado. Ao fundo ele via, como que por um encanto, todo o universo, com bilhões de galáxias que pareciam dançar de forma harmoniosa, com mundos se formando e outros sendo destruídos aqui para renascerem acolá. Via a formação das nebulosas que dão origem às galáxias. Via inúmeros meteoros rolando no espaço, mundos em formação. Via a luz de estrelas maravilhosas, muitas delas mais

encantadoras que o nosso sol, atravessar espaços gigantescos e atingir outros mundos, quando as suas fontes nem mais existiam. Ao mesmo tempo, ele observava a imagem transparente de um homem, com uma luz maravilhosa. O universo infinito, espantosamente, estava dentro do homem, e o homem dentro do universo.

Marco agora estava calmo, sereno. Olhos brilhantes. Não conseguia tirá-los daquela imagem magnífica. Olhando para ela parecia olhar para dentro de si. Era, na verdade, como se tudo aquilo estivesse dentro dele, pois percebera que aquele homem, de fato, era ele. E ao fundo uma voz imponente ressoava: "Conhece-te a ti mesmo!..."

Nisso, Marco acordou maravilhado. Tivera um sonho impressionante. Um sonho que lhe trazia uma sensação maravilhosa.

Mas era hora de continuar a rotina.

Depois de um banho e um belo café da manhã, Marco Antônio foi arrumar suas coisas para encarar o vestibular.

Aos dezessete anos, com uma boa situação financeira que era fruto do trabalho de seus pais, Marco sentia-se pronto para encarar aquela prova que deveria ser decisiva na sua vida.

Prestaria vestibular para Medicina na mais conceituada universidade pública do Estado de São Paulo. E com certeza encheria seus pais de orgulho. Teria uma situação financeira tão

estável quanto seus pais. Era tudo de que alguém precisava para ser feliz. Pelo menos foi o que sempre ouviu no meio em que vivera até então.

E lá foi ele, seguro quanto à prova que faria, haja vista a sua boa formação escolar, no entanto, não tão seguro quanto ao curso que escolhera. Na verdade era a primeira vez que isso lhe passava pela cabeça. Por que tinha escolhido Medicina? Nem ele sabia responder. Mas era melhor deixar estes pensamentos estranhos para lá.

Marco Antônio era moreno, olhos verdes, cabelos lisos e bem cuidados. Tinha um metro e oitenta de altura, corpo de quem malhava e tinha também uma bela alimentação. Sua pele era macia, sem espinhas. Mas tudo isso porque sua mãe "marcava" em cima. Preocupava-se muito que seu filho levasse uma vida saudável. Para isso, eles tinham recursos suficientes.

Seus pais eram pessoas muito consideradas na sociedade. O pai, um engenheiro de sucesso. Sempre prático nas suas decisões, mas um homem honesto. Queria apenas o que lhe pertencia. Sua mãe dava aulas de música clássica. Tinha uma escola que havia construído com a ajuda do marido. Uma alma sensível, um gosto refinado. Era sem dúvida uma pessoa muito elegante, de uma educação irrepreensível. Falava sempre num tom agradável, não sabia gritar com ninguém.

Ambos eram espíritas de berço. Passaram ao único filho a doutrina que também herdaram de seus pais.

Frequentavam o Centro Espírita regularmente. Faziam mensalmente doações de cestas básicas e caixas de leite. Participavam dos eventos beneficentes sempre que eram convidados. Eram, sem dúvida, pessoas politicamente corretas. E entre eles existia uma relação tranquila, onde predominava o respeito e o carinho mútuos, acima de tudo.

O pai de Marco foi levá-lo à escola onde faria a tão esperada prova. No meio do caminho viu, com espanto, uma pobre senhora pedindo esmola quando o sinal fechava, numa avenida movimentada do centro da cidade. Ela estava toda maltrapilha, vindo na direção do carro do pai, que não abriu o vidro.

Era um dia muito frio. Aquela senhora, com roupas simples e chinelo de dedo, inspirava muita pena em Marco. Será que ela ficava sempre ali? – pensou. Como ele nunca a tinha notado? Este era o caminho que fazia sempre para ir até a escola onde estudara por três anos.

O rapaz ficou tão angustiado que deixou escorrer algumas lágrimas de seus olhos. Por que ele tinha tanto e algumas pessoas nada tinham? Já conhecia a explicação da Doutrina Espírita a este respeito e isto, vindo à sua mente, o confortava. Mas agora era diferente, parecia que, pela primeira vez, percebia a existência de

um mundo paralelo ao seu que não era de alegrar as vistas.

Seu pai, vendo-o chorar, imaginou que o rapazinho estivesse nervoso pela prova, como é muito comum acontecer. Disse isto a ele, e Marco achou que seu pai devia ter razão. A expectativa de uma prova tão importante devia deixá-lo emotivo.

O pai de Marco deixou-o na escola e foi para o trabalho. O rapaz concentrou sua atenção somente na prova. Agora era só esperar o dia do resultado, que a seu ver seria positivo.

O tempo passou e Marco Antônio ficou feliz com o resultado do vestibular. Como já era esperado, tinha sido aprovado em primeiro lugar. Seus pais ficaram muito contentes. O rapaz fazia aniversário no começo do ano e o seu presente foi um carro importado. Um presente também por ele ter conseguido entrar na universidade de maneira tão brilhante.

Já no primeiro dia Marco teve grandes surpresas. Ele encontrou muitos conhecidos que aplicavam trotes nos chamados calouros, o que o deixou estupefato. Eram brincadeiras violentas, bárbaras. Não podia compreender como alguém poderia divertir-se com aquele tipo de brincadeira.

Viu que ali havia muita bebida também, muita droga. Quase todo mundo fumava, como se aquilo fosse um símbolo de liberdade. Percebeu que muitos dos universitários presentes

eram participantes do mesmo Centro Espírita que ele e sua família frequentavam. Percebeu que a sensualidade era o sentimento ali dominante.

Marco ficou pensando que tanto dinheiro era gasto com coisas fúteis e até prejudiciais às pessoas. Lembrou-se da senhora pedindo esmola na rua, no dia em que foi fazer a prova. Pensou que a sociedade era mesmo injusta, e que ele próprio já gastara tanto sem pensar em nada disso. Não entendia também por que aquilo lhe vinha à mente agora. Mas era um sentimento muito forte.

E as aulas se iniciaram. Marco ia todo dia para a escola, sem ter um em que não visse aquela senhora e que não pensasse a respeito. Muitas vezes deixava algum trocado para ela. E ia para suas aulas pensando nas inúmeras pessoas que deveriam existir nas mesmas condições que a pobre velhinha.

Passaram-se os quatro primeiros anos sem que acontecesse alguma coisa digna de menção, com exceção do fato de Marco Antônio continuar a ter aquele sonho com uma certa frequência. Um sonho que o intrigava e que curiosamente ele não contava a ninguém. Era comum também sonhar com alguns amigos, de quem não se lembrava, que eram desta mesma existência reencarnatória. Por esta razão, julgava serem eles amigos espirituais. Julgava com acerto. Eram Espíritos simpáticos que o visitavam com frequência durante o sono do corpo e que se

revezavam para auxiliá-lo durante o dia, como acontece a todos nós. Espíritos que trabalham muito para ajudar-nos a cumprir o planejamento de nossa existência aqui no planeta. Estão ligados a nós pela simpatia que cultivamos durante as existências passadas ou até nesta mesma existência.

Durante o dia, Marco tinha uma vaga recordação dos sonhos com seus amigos, mas jamais se lembrava da conversa que tinha com eles. Sentia-se, no entanto, muito feliz. Parece que aqueles sonhos sempre lhe faziam bem.

Já no quinto ano, Marco começou a ter aulas no hospital com mais frequência, e a parte que mais lhe chamava a atenção era exatamente a parte psiquiátrica. Percebia que tinha muito mais ali do que um simples desequilíbrio orgânico. Já havia estudado na Doutrina Espírita a influência que os Espíritos desencarnados podem ter na loucura, principalmente naqueles que têm predisposição mediúnica e não procuram estudar, educar-se, e muito menos levar uma vida coerente com a ética cristã.

Via muita miséria por lá. Muitos pacientes carentes de educação, cultura, que, com certeza, lhes minorariam o sofrimento, com informações que serviriam para ajudá-los a ter uma forma de vida diferente. Pensava que queria dedicar-se àquelas pessoas, àquela causa.

Sabia, no entanto, que não poderia mudar

nada de repente, que tudo aquilo tinha uma causa justa. Que não poderia prescindir do auxílio do tempo. Mas era muita dor. Não conseguia ficar insensível.

Seus amigos de trabalho não pensavam como ele. Pareciam mesmo frios diante daquilo tudo. Queriam montar consultórios luxuosos e arrecadar grandes fortunas com aquele negócio que se lhes mostrava com retorno certo e imenso. Além do que, a profissão de médico proporcionava muito prestígio diante da sociedade.

Certa vez Marco foi assistir a uma cirurgia que estava sendo realizada num rapaz acidentado. O pobre, com certeza, não conseguiria sobreviver. Voltava do trabalho às seis da manhã, de moto, quando um carro conduzido por jovens embriagados provocou aquela situação desesperadora.

Os médicos falavam durante a cirurgia de maneira desrespeitosa sobre a condição do acidentado, ligado ainda ao corpo físico e com muita raiva, já que ele vira tudo na hora do acidente. Os comentários dos doutores que o atendiam causavam-lhe ainda mais perturbação. Ele tinha filhos e queria muito viver. Aquele descaso era, para ele, desesperador. Prometeu a si mesmo perseguir aqueles médicos e fazer sua própria justiça.

Marco percebia aquilo tudo. Sentia a raiva do rapaz acidentado. Não entendia como, mas

ele podia sentir. Nunca percebera que tivesse algum tipo de mediunidade ostensiva, embora soubesse que na realidade todos nós somos médiuns. Marco Antônio via ao seu redor muito sofrimento, um sofrimento que sempre esteve por toda parte, mas que ele nunca conseguira perceber. Parece que sua alma estava desabrochando para um novo ciclo. Estava descobrindo coisas novas e se descobrindo. Aquele sonho lhe vinha sempre à cabeça. Parecia-lhe ter uma missão que não conseguia compreender no momento, mas que pressentia.

Toda aquela vontade de reconhecimento que um dia sentira parecia agora desaparecer. Não conseguia mais se ver apenas como um médico de sucesso, como uma pessoa bem-sucedida, rica, mas que nada faria para os pobres. Não, era preciso renunciar. Tudo isso lhe surgia na mente como uma necessidade para ser feliz. Não saberia sê-lo de outra forma.

Resolveu, então, especializar-se em psiquiatria, dedicar-se a um sanatório para estudar profundamente os irmãos em desequilíbrio mental. Queria também estudar a mediunidade, para poder entender a parte espiritual daquele mal. Queria usar a Doutrina Espírita para ajudar quem dela precisasse, renunciar o consultório, os privilégios de sua condição para servir aqueles que mais necessitavam. Queria, afinal, entender o mundo íntimo da humanidade.

Contou isso a seus pais. Sua mãe, mesmo

muito surpresa, disse que ele deveria fazer o que mandasse o seu coração. O pai, por sua vez, não conseguia entender nem aceitar. Tinha tantos sonhos, tantos planos para o filho. Imaginava ver Marco com muito reconhecimento perante a sociedade. Não, não podia aceitar.

Mesmo assim, confuso, Marco estava convicto. Sentia que era a sua missão, que tinha vindo a esta Terra para realizar exatamente isto. E apesar de todo o sacrifício que lhe custaria, resolveu se especializar e viajar para uma cidade longe da sua. Fora convidado a trabalhar num hospital psiquiátrico.

Ali passou uma vida toda se dedicando aos enfermos e estudando a psique humana à luz da ciência e da Doutrina Espírita. Descobriu que muitos enfermos poderiam simplesmente ter sido conduzidos a centros espíritas, onde teriam resultados mais eficazes. Que muitos estavam loucos por não quererem se adaptar ao mundo tal como ele se apresenta. Uma fuga da realidade para viver sua própria verdade.

Sentia também o imenso auxílio dos Espíritos de luz que desciam às trevas daquele lugar difícil para amparar os necessitados. Sentia a impotência da Medicina para tratar de forma adequada aquelas pessoas. Sentia que, na verdade, era preciso deixar a arrogância de lado, e a Medicina rever seus valores, mas que isso estava ainda muito longe.

O que fazia ele ali então? Por que saber e

não poder mudar tudo? Ajudava no que podia, mas era tão pouco! Estes pensamentos chegavam a despertar uma revolta em nosso amigo. Como num flash, veio à tela mental aquele sonho que o perseguia. Ele, na frente do lago, enxergando o labirinto da mente humana, a semelhança do homem com Deus, a grandeza das potencialidades de que o homem está investido.

Lembrou-se da parábola do semeador, citada por Jesus. Lembrou que esta parábola simbolizava os diversos graus evolutivos do ser. Que toda semente desabrochará e dará frutos ao seu tempo. Que as criaturas passam agora o melhor que o Criador pode fazer por cada uma. Que na verdade tinha que conhecer o sofrimento das pessoas para entender a si próprio. E entender a si para entender a Deus. Que sua dedicação não tinha sido vã. Que ali tinha crescido como não poderia ser de outra forma. Que para amar é preciso compreender que somos iguais, apesar de diferentes nas experiências. Que podemos fazer tudo de bom e de ruim, a depender de nossas escolhas, e que por esta razão não se pode julgar ninguém. Não se pode condenar.

É preciso entender que dorme em nós uma energia divina que precisamos acender com a força de vontade. Mas que, acima de tudo, precisamos nos conscientizar de que a obra que nos compete fazer é a reforma do nosso mundo

íntimo, porque a reforma da humanidade pertencia ao Cristo.

(...) Seja como Espíritos, seja como homens, os filhos de Deus estão encarregados de ajudar o progresso da Humanidade, dos povos ou dos indivíduos (...) Alguns têm missões mais restritas e de alguma sorte pessoais ou locais, como assistir os enfermos, os agonizantes, os aflitos, velar por aqueles de quem se fizeram guias protetores, de os dirigir pelos seus conselhos ou pelos bons pensamentos que sugerem. Pode-se dizer que há tantos gêneros de missões quantas as espécies de interesses a vigiar, seja no mundo físico, seja no mundo moral. (...)

Transcrição parcial do comentário de Allan Kardec à resposta da questão 569 em *O Livro dos Espíritos*.

Capítulo XI

O salário do trabalhador honesto

Depois de algum tempo, podemos dizer breve, em relação ao relógio da eternidade, vamos encontrar nossos amigos no Plano Espiritual, reunidos novamente pelos laços do amor real. Amigos que cumpriram suas missões e tinham agora o merecimento de se ajudarem nas suas novas missões.

Estavam felizes por estarem juntos de novo, já que a afinidade entre eles era muito grande. Formavam, como já citamos, uma família espiritual. Diferente de algumas famílias na Terra que, apesar dos laços consanguíneos, são muito diferentes na maneira de pensar e agir.

Como é justo que quem plantou colha, nossos amigos recebiam agora o salário do trabalhador honesto e dedicado. Continuavam estudando e se dedicando à área do interesse de cada um.

Mateus e Karina prosseguiram ali, no país da realidade, onde nada se pode dissimular, enamorados, lapidando cada vez mais este diamante que é o amor espiritual. Aprendendo a se respeitarem e se ajudarem, depois de vencerem as batalhas na crosta terrestre.

O amor divino nos aceita de maneira incondicional. Assim também deve ser o amor de alma para alma, muito embora deva sempre existir

afinidade entre o casal para caminharem juntos. É preciso ter em mente que nunca encontraremos ninguém idêntico a nós mesmos.

Juntos, agora, cada um se dedicava àquilo com o que se identificava, com o que tinha aptidão, aprendendo para compartilhar com os irmãos da Terra, numa encarnação futura que planejavam com calma e ajuda dos Espíritos mais adiantados, responsáveis pela reencarnação na Colônia em que residiam.

Agora, no entanto, era hora de aproveitarem o tempo que conquistaram e plantar juntos novas sementes do progresso. E assim faziam.

Numa noite maravilhosa de primavera, saíam todos de uma palestra sobre a dor e seguiam para a praça central, numa conversa interessante.

Maria Rita, apaixonada pela arte de educar, dizia:

– Como é fascinante este mundo das palavras! Como conseguem nos tocar de perto aqueles oradores que conhecem a alma humana!

– Pois é, Maria Rita – respondeu Karina. – Se soubessem os homens encarnados o poder que têm as palavras, muitas vezes calar-se-iam para não profanar este sagrado instrumento que o Pai Maior nos concedeu para criar, não para destruir.

– Sim, Karina – disse Marco. – Mas nós também tivemos que viver as lições na Terra para chegar a ter o pouco de conhecimento que possuímos hoje. A vida é uma escola maravilhosa!

– *Tem razão* – emendou Marcela. – *Eu tive tanto medo quando nós partimos para a última experiência reencarnatória... Mas conseguimos. Lembro-me de que a última palestra que ouvimos aqui, antes de voltar à crosta, me motivou muito. As palavras do orador penetraram-me fundo a alma. E me guiaram, mesmo que inconscientemente, por toda a existência carnal, assim como ainda me guiam aqui no mundo espiritual.*

José Luiz concordou com as afirmativas de Marcela.

– *Concordo com você, amiga. Vocês se recordam de qual foi o tema da palestra?*

Todos responderam num unísono: – ***Qual o sentido da vida?***

E a palestra motivadora veio, então, à tela mental de nossos amigos. Começaram todos a se lembrarem das palavras do instrutor, palavras que os ajudaram na jornada terrena, ficando gravadas no íntimo de cada um:

Um silêncio se fez no auditório. É que acabava de entrar o palestrante da noite. João Pedro era seu nome.

Aparentava uns cinquenta anos, cabelos já grisalhos, olhos serenos, com um brilho que parecia prender a atenção de todos.

Ele se dedicava à filosofia espírita e ministraria a última palestra de nossos amigos antes de reencarnarem.

Depois de se apresentar, começou a falar assim:

– *"Que o Pai de infinita bondade nos ilumine para que possamos transmitir a mensagem da noite de maneira clara, de maneira simples. E o título da nossa palestra, hoje, é uma pergunta: **Qual o sentido da vida?**"*

Na questão n.º 38 de O Livro dos Espíritos, Kardec pergunta: – Como criou Deus o universo?

Resposta: – 'Para me servir de uma expressão corrente, direi: pela sua vontade. Nada caracteriza melhor essa vontade onipotente do que estas belas palavras da Gênese: Deus disse: Faça-se a luz e a luz foi feita'.

Podemos perceber, através desta questão, que tudo que Deus criou foi a luz. A vida é a luz.

E no momento delicado pelo qual passa a humanidade é muito comum vermos pessoas totalmente desorientadas, equivocadas a respeito do verdadeiro sentido da vida.

Chegamos ao plano físico depois de um planejamento reencarnatório, muitas vezes, com traumas inúmeros de outras existências. Com uma bagagem espiritual enorme, pois somos Espíritos milenares e já reencarnamos muitas e muitas vezes. Uma bagagem espiritual que moldou nossa personalidade atual.

Mas nos diz também O Livro dos Espíritos que o progresso é uma lei. E, por esta razão, não podemos fugir dele.

Antes de reencarnar, com o auxílio dos Espíritos mais adiantados que nós, fazemos uma recapitulação de existências pretéritas. A maioria de

nós errou muito no passado. E lembramo-nos disto com pesar. O despertar de nossa consciência traz também sofrimento, traz um arrependimento que dói, e pedimos para voltar. Muitas vezes, também, somos forçados a isso, por não termos ainda discernimento, como um recurso da misericórdia divina, cedendo a pedidos de amigos espirituais que intercedem por nós junto ao plano mais alto.

Fazemos promessas, estudamos e nos preparamos, até que mais uma vez Deus diga: faça-se a luz! E para nós, neste mundo de provas e expiações, conhecido como Terra, a luz se faz.

Estamos entre os encarnados, numa oportunidade sagrada que muitas vezes não sabemos aproveitar.

Crescemos então cheios de sonhos. Seja numa família com condições financeiras mais favorecidas, seja naquelas cujas necessidades serão o freio para muitas de nossas paixões.

Não importa, pois Deus é justo e dá a cada um aquilo que mais lhe será útil nesse momento.

Graças à misericórdia divina esquecemos o nosso passado quando aqui chegamos, porque nosso cérebro não suportaria o peso das lembranças de existências anteriores. Não suportaríamos lembrar que matamos sem piedade, que usurpamos, que abandonamos a esposa com um filho, que escravizamos e promovemos guerras em nome de Deus.

Com certeza seria pesado demais para nós lembrarmo-nos de que desobedecemos os

ensinamentos do Mestre Jesus, fazendo aos semelhantes muitas coisas que não gostaríamos que fizessem a nós.

Mas o Grande Legislador do universo guardou em nossa consciência um livro sagrado do que é certo e do que é errado.

Essas sementes só desabrocham com o auxílio do tempo. Não o tempo do relógio, analógico, digital ou anatômico, mas o tempo de cada ser, que não é igual para todos, que depende das experiências vivenciadas e de como elas são por nós assimiladas.

Com o desabrochar da consciência vamos percebendo cada vez mais que fomos criados para aprender, para amar, para progredir. Que Deus fez a luz e que não podemos colocar trevas na vida alheia, sem com isso obscurecermos nosso próprio interior. Não poderemos jamais profanar a centelha divina, levando sofrimento aos nossos irmãos, sem arrecadar com isso sofrimento para nós mesmos.

Por esta razão, muitos de nossos sonhos são frustrados. Faz parte das expiações e provas que tenhamos aquilo de que precisamos, mas nem tudo o que desejarmos.

Passamos, então, por decepções, privações, enfrentamos obstáculos. Muitos deles para que não venhamos a cair novamente nos mesmos erros que cometemos no passado. Alguns outros para que possamos entender a dor que impusemos aos nossos semelhantes, e possamos vivenciar aquilo que fizemos nosso próximo sofrer.

Algumas vezes o fardo parece pesado demais. Buscamos refúgios equivocados de todos os tipos, segundo a personalidade de cada um. Seja na bebida, ou em outras drogas mais pesadas, seja no consumismo, visando tapar um abismo que só aumenta, querendo preencher um vazio que só com a luz da caridade poderá ser preenchido.

Muitas vezes permanecemos equilibrados e buscamos os médicos convencionais, os psiquiatras, sempre respeitáveis, mas limitados, por tratarem sempre o efeito e não a causa que tem suas origens em existências pretéritas.

Muitas vezes nos esquecemos de que o médico das almas, o Cristo de Deus, nos receitou fazer o bem, como medicamento indispensável para o nosso equilíbrio.

No entanto, somos rebeldes, ainda que inconscientes, e tentamos lutar contra a vida. Esquecemo-nos de que ela é por nós e não contra nós, e que as leis divinas são eternas e imutáveis.

Vibrando na faixa do desânimo, do desespero, da rebeldia, atraímos para nós aqueles irmãos que ferimos em outras existências, e que hoje os chamamos de obsessores. Irmãos que, em sua ignorância, vêm nos cobrar. Que não foram capazes de nos perdoar, mas que representam para nós uma oportunidade de regeneração, uma oportunidade de ficarmos em paz com nossa consciência. São Espíritos que vão fazer de tudo para atrapalhar nossa vida, a fim de que passemos por aquilo que

nós os fizemos passar. Que vão fazer de tudo para nos levarem à loucura.

Mas isso só será possível se estivermos ainda vivendo fora dos princípios de amor e caridade, fora do ensinamento do Evangelho que Jesus nos deixou, como um manual do bom viver. Isso só será possível por termos ainda muitos defeitos para deixar para trás. Manifestando nossos velhos vícios, vibrando negativamente, atraímos esses irmãos, que nos impõem os sofrimentos que nos forçarão a buscar ajuda quando estivermos cansados de sofrer, pois Deus respeita nossa liberdade e aguarda o nosso crescimento. Se é justo que plantemos o que queremos, é da lei que colhamos os frutos de nosso plantio, sejam eles felizes ou infelizes, segundo tenhamos semeado o bem ou o mal.

Se o Cristo disse: pagai o mal com o bem, é natural também que nós reconduzamos estes irmãos, que se julgam fortes, mas que nada podem sem a permissão de Deus, de volta à rota de luz. Só o faremos com o nosso exemplo, com resignação, com fé no Deus onipotente, que, segundo as palavras de Santo Agostinho, não aceita o pecado, mas ama o pecador.

Antes de pedirmos perdão a Deus, que não julga e nem condena a ninguém, antes de pedirmos perdão aos nossos irmãos que hoje nos perseguem por erros do passado, precisamos aprender a perdoar a nós mesmos.

Como seria possível amar o semelhante, ainda que eu tentasse com toda a minha garra, que eu me

esforçasse para fazer o certo, que eu quisesse muito fazê-lo, se ainda não sou capaz de amar a mim mesmo?

Se não me aceito com todos os meus defeitos, se não sei enxergar em mim qualidades, que todos possuem, se não sei valorizar-me como ser humano, digno, capaz, como poderia distribuir um amor que não possuo?

Como poderia eu ser gentil, se não me trato bem? Ser tolerante com os que me rodeiam, se me cobro tanto? Se ainda não aprendi, ao menos, me perdoar? Se ainda não entendi que as pessoas erram e isso faz parte de um processo evolutivo, que eu sou igual a qualquer outro ser humano, e, por esta razão, erro também.

Só amando-me com toda energia de meu coração, sendo benevolente comigo, vencendo meu orgulho para entender que somos iguais na capacidade de acertar, mas também na de errar, somente colocando-me diante da vida como um eterno aprendiz é que poderei distribuir amor aos que me rodeiam.

Somos nosso maior obsessor. Somos, sem sombra de dúvida, nosso maior inimigo. Mas o Cristo disse que devemos amar os inimigos!

Só com o amor verdadeiro podemos ajudar alguém. E só podemos dar aquilo que já possuímos.

Mas, se podemos ajudá-los, não podemos ter a pretensão de mudá-los repentinamente, já que cada um evolui ao seu tempo, e precisamos respeitar o tempo de nossos semelhantes, como o Cristo vem

respeitando incansavelmente o tempo de cada um de nós.

'Façamos aos outros o que queremos que os outros nos façam.'

Portanto, se estou consciente de que a vida é justa, se já consigo entender que não sou nenhum coitadinho, se já consigo amar-me assim mesmo, se estou disposto a pagar o mal que fiz em outras existências fazendo o bem sem olhar a quem, nestas e nas minhas vidas posteriores, tenho que respeitar se um destes meus irmãos não quiser, ou não puder perdoar-me ainda.

É preciso continuar, seguir a marcha da vida, que é sempre para frente.

No entanto, na prática, é muito complicado ser resignado. É difícil ter este espírito de aceitação, sem se maltratar.

Assim, é preciso entender qual é o sentido da vida, para que não entremos no vale da depressão, para que não desistamos de viver.

Esta doutrina maravilhosa veio nos dar provas incontestes de que é impossível morrer e que, se não cumprirmos nossas missões nesta existência, vamos ter que cumpri-las em outras. Mas vamos cumprir, porque, afinal, aquilo que Deus quer que aconteça, fatalmente acontecerá.

Precisamos buscar o sentido da vida para entendermos que, se em muitas vezes é preciso renunciar, estamos, na verdade, renunciando em nosso favor. Não estamos renunciando por sermos

bons, já que Jesus, quando chamado de bom, disse que bom só o Pai o é.

Nós vamos entender mais tarde, quando adquirirmos através da vivência conhecimentos novos, que toda renúncia que fizemos na Terra livrou-nos de um perigo que nos rodeava, e que esta foi a maneira que a misericórdia divina nos deu para livrar-nos do assédio das trevas.

Aquela esposa difícil, que hoje julgamos suportar, tolerar, é a moça iludida por nós mesmos, no pretérito, e que hoje vem nos pedir justo auxílio, sem o qual nossa consciência não nos deixaria seguir em paz.

Que o marido desequilibrado, agressivo, pode ser fruto da atitude irresponsável da moça sedutora e leviana do passado, e que não é por acaso que ela passe por situações difíceis, hoje, com este mesmo homem.

Mais uma vez é preciso dizer que, se nesta existência renunciamos algo, o fizemos em nosso favor.

Urge, portanto, escolher a porta estreita, como recomendou Jesus. O mesmo Jesus que nos deixou em ensinamentos, parábolas, e também no seu exemplo, qual o sentido da vida.

Ele, que disse não ter vindo para ser servido, mas para servir... e que lavou os pés dos seus discípulos num último exemplo de humildade.

Nós, que nos dizemos cristãos, precisamos cultivar as duas características que mais nos

assemelham ao Criador, a saber: o dom de criar e a necessidade de fazer o bem, de doar.

O homem que vive só para o trabalho, pela simples necessidade de tirar dali o seu pão, é geralmente uma pessoa triste. Isso porque está na sua natureza criar, conquistar, no sentido nobre da palavra. E a modernidade sufocou isso em nós.

Tudo vem tão fácil para algumas pessoas, que elas pensam não precisar conquistar nada. Em outros, no entanto, foi sufocado esse dom pela exclusão social, e eles se sentem indignos, incapazes. Vejam que contradição: O homem moderno compra tudo aquilo de que precisa para não ter que esforçar-se, para trabalhar cada vez menos. E tudo fica tão fácil, que a vida perde o seu sentido.

Não que seja errado querer progredir. O progresso é uma lei divina. Mas é necessário colocar ocupações na vida, dar a esta existência um sentido nobre e não viver para o nada. Desta forma, a vida fica tediosa e o homem fica deprimido. Vai ao psicólogo que recomenda que ele faça artesanatos como terapia, que ele trabalhe como voluntário para sentir-se útil. Vejam que contradição!

Nós precisamos ser úteis, desenvolver nossa habilidade de criar, antes de ficarmos deprimidos. No entanto, mais importante do que criar, para nos conectarmos com o Criador Supremo, é saber refletir sobre o que vamos criar, pois o que criamos é nosso. As consequências de nossa criação pertencem a nós.

É necessário lembrar: é pelo pensamento que estamos constantemente criando. Se pensamos positivamente, estamos criando coisas nobres, mas, se negativamente, se só sabemos ver o lado menos ensolarado da vida, estamos nos enclausurando numa neblina de energias negativas.

Precisamos vigiar os pensamentos. Precisamos entender que todo pensamento que enviamos volta para nós, como um bumerangue de energias, que traz consigo a energia que capta pelo caminho.

Precisamos, sim, sem sombra de dúvidas, vigiar constantemente os pensamentos, e, acima de tudo, doar de nós mesmos.

Ultimamente, cada um só tem pensado em si mesmo, no que a vida tem a nos oferecer. Só que a verdadeira felicidade está em ofertar. É só olhar para a natureza. Ela cria e oferta, sem cobrar nada. Respiramos de graça, o Sol nos aquece de graça. O próprio Deus cria, dá a vida e não quer reconhecimento; nunca se impõe, pelo contrário, oculta-se na dimensão mais sutil do universo, a fim de ser sentido pelos mais humildes. Oculta-se no íntimo de cada um: um lugar que o homem – que já visitou a lua e que planeja visitar Marte em breve – ainda não foi capaz de explorar.

Conhecer a Deus é conhecer o homem, e, conhecendo o homem, seu interior, sua alma, conhece-se a Deus.

Para achar o verdadeiro sentido da vida é preciso adentrar este labirinto que tanto tememos: o interior de cada um. É preciso olhar para o

microcosmo para entender o macrocosmo e vice-versa.

É preciso, antes de tudo, buscar o próprio equilíbrio, para entender a grandeza dos mistérios do universo.

Faz-se necessário expulsar nossos traumas, nossos medos, de dentro de nós, pois eles são como meteoros trazendo destruição para o nosso mundo íntimo, ao passo que a fé e a caridade são como luzes.

Será que já nos perguntamos o que é o medo? Por que sentimos medo? Tem o medo uma função natural?

Podemos recorrer a um exemplo, uma situação muito comum na crosta terrestre. Se estamos dirigindo um automóvel e alguém nos fecha, se nós não temos medo de nada, xingamos, queremos brigar, sem pensar que a pessoa do outro carro possa estar armada.

Se não temos prudência, em função do medo, quando nos desafiam para uma corrida irresponsável de carro, os chamados "rachas", vamos sem pensar nas consequências. E colocamos a nossa vida e a de outras pessoas em risco.

Vejam que o medo serve, então, para conter nossos excessos. É um mecanismo inconsciente de defesa que está intimamente ligado ao instinto de conservação, porque não temos ainda o necessário discernimento para efetuar nossas escolhas.

No entanto, conforme vamos amadurecendo, deixamos de precisar desses recursos, assim como a

criança que para alimentar-se precisa chorar ou não seria notada, e, mais adiante, dispensa este recurso, pois já sabe pedir, e, posteriormente, poderá preparar o seu próprio alimento.

Mas existem também os medos traumáticos. Aquelas pessoas cujo medo as impede de tentar qualquer empreendimento. Medos ocasionados por empreendimentos malsucedidos, por frustrações. Medos que, se não trabalhados, podem impedi-las de ser felizes. Deixam de ser felizes por medo de tentar, de se machucarem novamente.

É preciso encontrar o caminho do meio.

Precisamos, através da fé e da caridade, despertar o Deus que dorme em nós. É preciso nos reencontrarmos com a nossa essência.

'Sois deuses', disse o Mestre. 'Podeis fazer tudo o que eu faço e muito mais, se tiverdes fé.'

Precisamos encontrar a nossa felicidade nas pequenas coisas. Sabemos que nosso planeta não é um paraíso. É um mundo de provas e expiações...

E para termos forças para superar nossas provas e suportar nossas expiações de maneira cristã, precisamos da fé e da caridade. Por isso a afirmação de que fora da caridade não há salvação...

Mas no mundo de hoje, o que vemos?

A maior preocupação do ser humano é gozar, ser feliz. Não entendeu que fora da caridade não há salvação, não há felicidade.

Podemos pegar como exemplo alguns profissionais que querem apenas ganhar muito dinheiro,

querem status. Profissionais que não têm uma causa. Esquecem-se de que as profissões podem ser uma maneira maravilhosa de elevação espiritual, escolhidas por eles mesmos, no Plano Espiritual.

E alguém poderá dizer: Não é errado ganhar dinheiro!

E terá razão, pois não é.

Não basta o alimento do corpo, há também o da alma. E fazer o bem é o que alimenta nosso Espírito.

Vemos nas faculdades da Terra, ao redor delas, barzinhos inúmeros. Vemos estes barzinhos lotados, os alunos preocupados apenas em pegar o diploma de uma profissão que, muitas vezes, os pais os ajudaram a escolher, baseados apenas no campo profissional, se vai dar ou não dinheiro...

Nós vemos também nesses bares muita música, o som dos carros altíssimos. Nenhum respeito pelos vizinhos que querem dormir. E aí perguntamos: que profissionais serão estes universitários se ainda não têm ao menos a noção de cidadania?

Vemos políticos e empresários preocupados apenas em enriquecer. Esquecem-se do alerta do poeta francês, Victor Hugo: 'Desejo que você descubra, com a máxima urgência, acima e a despeito de tudo, que existem oprimidos, injustiçados e infelizes, e que eles estão à sua volta'.

No entanto, todas estas pessoas, quando interrogadas, dirão que têm fé. Que acreditam e são tementes a Deus. E nós acreditamos e respeitamos a fé de cada um. No entanto, o Evangelho já

advertiu que muito mais importante do que ter fé é saber o que estamos fazendo com a nossa fé.

Está lá, nas sagradas escrituras: 'dizes que tens fé, mas se não tens obras, a tua fé é morta em si mesma. Por acaso esta fé poderá salvá-lo?

'Dizes que crês em um só Deus, e fazes bem. No entanto, os demônios também o creem e estremeçam'. (Thiago, II, 14 a 19...)

*Agora, já podemos responder àquela pergunta inicial: **qual o sentido da vida?** E, com certeza, a resposta é: **ser feliz.***

Aí alguém poderá dizer: É tão elementar! Estou cansado de saber tudo isso!

Será?

Eu só posso responder por mim. Quanto mais eu estudo, mais percebo que bem pouco eu sei, ou melhor, que eu nada sei, mas, como o recurso de quem desconhece é recorrer ao conhecimento alheio, vamos apelar para um dos ensinamentos de Jesus a fim de analisar o conceito: 'eu estou cansado de saber isso'.

O Mestre disse: 'Conhecerás a verdade, e a verdade vos libertará'. Logo, se vivemos a verdade, se já nos livramos de preconceitos, dogmas, ou, se apesar das dificuldades inerentes a um planeta de provas e expiações, somos felizes, é porque conhecemos a verdade.

Mas se ainda somos escravos do orgulho, da arrogância, e principalmente da tristeza, da depressão, é porque não conhecemos a verdade ainda, segundo o conceito do próprio Jesus. Se não

conseguimos enxergar que, apesar de todas as dificuldades, dores, problemas que existem neste mundo, a vida é simplesmente maravilhosa, e que esta beleza se encontra nas coisas simples como: um pôr do sol, o sorriso de uma criança, namorar de mãos dadas no parque; juntar a família para olhar as estrelas, a lua cheia, que é magnífica; podemos ter a certeza de que somos muito pobres de saber.

Se não sabemos ainda agradecer pelo que temos, mesmo pelas dificuldades que são oportunidades de resgate e crescimento, se ainda sentimos pena de nós mesmos, é hora de parar e refletir. Somos ricos e não percebemos, já que a felicidade não é um pote de ouro ao final do arco-íris. Ela é o desabrochar da própria essência do ser.

Por esta razão, precisamos começar a pensar mais no que vamos ofertar, ao invés de ficar pensando apenas no que vamos receber.

Albert Einstein, por exemplo, ofertou-nos a teoria da relatividade. Leonardo Da Vinci ofertou a pintura de Monalisa. Thomas Edson, a luz elétrica. Mozart e Beethoven nos deixaram músicas maravilhosas. Kardec codificou para nós a doutrina espírita. Chico Xavier nos legou mais de quatrocentos livros e uma vida inteira de exemplos, uma vida digna, segundo o conceito cristão da palavra.

Nós estamos longe desses grandes homens, mas nem por isso estamos isentos da obrigação de ofertar. Basta lembrar que até o verme nos dá a beleza do pão.

É preciso pensar sobre a grandeza de um pedaço de pão para quem o recebe... De um ombro amigo... De um trabalho voluntário, de modo geral. Precisamos analisar do ponto de vista de quem os recebe, e o bom seria que o fizéssemos antes de precisar receber.

Precisamos pensar na dor do próximo para entender que a nossa não é a maior como supomos, antes que a vida resolva nos colocar numa situação real de dificuldades para aprendermos a valorizar o que temos.

Para finalizar, faço também a minha oferta a vocês, queridos amigos. E a minha oferta de hoje para vocês é uma simples poesia, pois gosto muito de brincar de escrever.

É tudo o que posso lhes oferecer hoje. Ofereço-lhes, então, tudo o que tenho:

Um paradoxo: Doar e Receber

Doar é mais prazeroso que receber, embora doar seja o mesmo que receber. Mas devemos doar sem a intenção de algo em troca receber, para que doar seja igual a receber.

Porque doar com a intenção de algo em troca receber equivale a trocar. E, embora a vida seja uma constante troca, não devemos doar com a intenção de algo em troca receber. Porque doando sem intenção é que vamos receber.

Mas, talvez, o que doamos não seja o que vamos receber. Embora o que vamos receber seja equivalente ao que doamos.

Porque aquilo que doamos é quase sempre algo de que não estamos precisando, embora não importe o que ofertamos, só o que doamos, na verdade, é o amor. E quem conhece alguém que de amor não esteja precisando?

E quase sempre recebemos aquilo de que estamos precisando, apesar de quase sempre ser diferente do que doamos. Mas algo em comum entre o que doamos e o que recebemos é sempre o amor.

Por isto doe sempre. E doe sempre com amor, para que este paradoxo na sua vida esteja sempre presente. E quanto mais doar, mais vai receber. Não se esqueça, porém, que doar é sempre mais prazeroso que receber, embora doar seja o mesmo que receber.'

Meus amigos, muito obrigado a todos pela atenção, que vocês sejam bem-sucedidos em suas futuras reencarnações, sabendo aproveitar esta oportunidade sagrada. E que o Deus de infinita bondade continue nos abençoando."

E a lembrança clara daquela palestra incentivou aguçada reflexão para todos eles...

Capítulo XII

A lição que fica

Nossos amigos continuaram dedicando-se, na Colônia espiritual, àquilo com o que tinham aptidão. Todos sem exceção trabalhavam e estudavam muito. Ajudavam-se e os laços de amor só cresciam. Um final feliz, para uma história que continua sempre, mas um final que eles mesmos escreveram.

Pois alguns ali chegaram depois de aceitar com resignação suas provas, como Maria Rita, José Luiz e Marco.

Outros tiveram um pouco mais de dificuldade para acolher o fato de que não podemos jamais fugir das consequências de nossas escolhas. Marcela sofreu bastante antes de aceitar que na ausência da luz prevalecem as trevas. Mas se a vida é uma escola, feliz daquele que consegue aprender.

Mateus e Karina tiveram que passar novamente pela mesma série na escola da vida, por situações muito difíceis, para entenderem que as leis divinas são imutáveis.

Carlos Henrique nunca defrontou um inimigo tão forte, tão temível, quanto a si mesmo. Entendeu que somos nós o maior obstáculo à nossa própria felicidade. Que o *orai e vigiai* não é mero preceito religioso. É uma questão de sobrevivência.

Luiz Fernando compreendeu que heróis existem e muitos deles preferem o anonimato. Que existe

muito heroísmo em pensar no próximo antes de pensar em si mesmo. Que existe muito heroísmo na simplicidade de dar um pedaço de pão, um agasalho e, principalmente, do seu tempo, de dedicar-se à construção de um mundo melhor, sem exigir recompensas, aplausos.

E apesar de estarem separados, nesta jornada que trilharam, algo com certeza tinham eles em comum. Todos eles foram convidados pela vida a se superarem. Todos eles aceitaram o desafio. Até mesmo Adriano, que percebeu pela dor, bendito instrumento de elevação, que temos exatamente aquilo que merecemos. Que a vida conspira a nosso favor. E que só depende de nós mesmos enxergar que ela é maravilhosa.

Entendeu que existem situações muito mais difíceis e complexas do que a nossa e, para entender isso, precisamos simplesmente sair do nosso *mundinho* e olhar para os lados. Existe muito sofrimento e bem pouco esclarecimento.

Existe tanto trabalho a fazer que não sobraria tempo, àquele que se dedicasse, para reclamar de nada. "Fora da caridade não há salvação". Não nos esqueçamos disso.

Os amigos agora estavam felizes por estarem juntos. Mas o salário só veio depois do mês trabalhado.

É necessário refletir que nós outros também não podemos colher sem plantar, que, percebamos ou não, estamos plantando todos os dias. A colheita é inevitável.

Os nossos amigos, agora reunidos pelos esforços próprios de quem não aceita a derrota, gozam felizes o salário do trabalhador honesto e dedicado.

Maria Rita continuou a dedicar-se à educação, assim como Karina, que sempre gostou desta área e, por algum tempo, na Terra, teve que ceder às imposições dos pais.

Ali, cada um servia no que podia. Dedicava-se ao que achasse poder ser útil, e do que mais gostasse.

Mateus e José Luiz entenderam que muito mais do que falar é preciso agir. Que a palavra vale prata e que o exemplo vale ouro. Que aqueles que se alistam no exército do Senhor não têm o direito de desertar, conforme advertência conhecida. Que o tempo é o único Senhor de todas as verdades.

O amor agora os unia. Todos entendiam qual o significado desta palavra. Todos vibravam e alimentavam-se deste sentimento.

Continuariam eles a sua jornada, rumo ao infinito, numa escalada sem-fim. Deixavam a nós, no entanto, uma lição preciosa:

"É preciso continuar, seguir em frente e não ouvir os desanimadores. É preciso se superar. Superar apenas a si mesmo, e que todo o resto seja disto consequência.

É preciso que todos nós entendamos que o acaso não existe e que a vida tem um projeto para cada um de nós. Cada escolha nossa nos leva a algum lugar, iluminado ou não.

É preciso acreditar, como é preciso respirar. Acreditar é o que nos faz seguir adiante. É preciso, como dizia nosso querido Chico Xavier, nos momentos difíceis, chorar sem alarde, lavar o rosto e continuar a trabalhar.”

Fim